



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PRISCILLA HENRIQUE DE AMORIM SANTOS

IMPLICAÇÕES DA PUBERDADE NO AUTISMO

Maceió
2022

PRISCILLA HENRIQUE DE AMORIM SANTOS

IMPLICAÇÕES DA PUBERDADE NO AUTISMO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Susane Vasconcelos Zanotti.

Maceió

2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237i Santos, Priscilla Henrique de Amorim.
Implicações da puberdade no autismo / Priscilla Henrique de Amorim Santos.
– 2022.
82 f.

Orientadora: Susane Vasconcelos Zanotti.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 76-82.

1. Transtorno do espectro autista. 2. Corpo humano. 3. Puberdade. 4.
Psicanálise. I. Título.

CDU: 159.963.37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

PRISCILLA HENRIQUE DE AMORIM SANTOS

Título do Trabalho: **"IMPLICAÇÕES DA PUBERDADE NO AUTISMO"**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

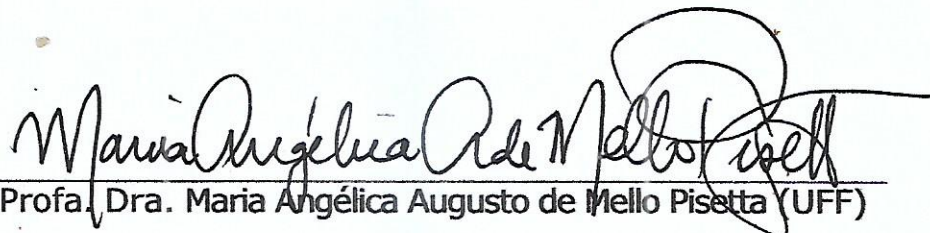


Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti (PPGP/UFAL)

Examinadoras:



Profa. Dra. Rosane Zétola Lustoza (UFPR)



Profa. Dra. Maria Angélica Augusto de Mello Pisseta (UFF)

Maceió-AL, 27 de junho de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma forma singela de reconhecer a importância de cada pessoa que aqui será citada para a realização deste trabalho, que nasceu da semente de um sonho. Sem elas, essa concretização não teria ocorrido da mesma forma. Afinal, como já dizia Raul Seixas “*sonho que se sonha junto é realidade*”.

Primeiro, agradeço a Deus por ser meu firme fundamento, meu refúgio e minha fortaleza. Nele muitas vezes descansei e me amparei.

À minha família, por todo incentivo e por sempre apoiarem meus sonhos e projetos. Agradeço, em especial, à minha avó Maria José por todo seu amor demonstrado, por vezes, em suas constantes orações e em suas palavras de cuidado e orgulho.

À minha mãe por ter – mesmo sem saber e sem querer – me transmitido sua paixão pela docência e me feito crescer vendo a vida de modo leve e colorido. Agradeço a ela e minha irmã Layane por sempre fazerem questão de dizer o quanto sentem orgulho de mim e por acreditarem nos meus sonhos e projetos quando nem eu mesma acreditei.

Ao meu pai, Cícero Ricardo, que sempre fez morada em meu coração e que me deixou como herança a amabilidade e a perseverança.

Ao meu marido, Anderson Panaro, que acompanhou toda minha trajetória acadêmica desde a graduação até o mestrado. Sem ele, essa realização não teria sido possível. Seu amor, sua confiança e seu apoio incondicional me fizeram concluir essa pesquisa.

Aos meus amigos que abraçaram essa realização como se fosse um sonho deles, ou melhor, nosso. Em especial ao Diego Sandes, por ser um ombro amigo em meio às angústias e dificuldades dessa empreitada.

À minha orientadora, professora Doutora Susane Zanotti, pela ética, dedicação, disponibilidade e empenho em cada passo da construção dessa pesquisa. De modo especial, agradeço por ter acolhido o meu desejo de pesquisar sobre autismo, pelas experiências no estágio em docência e pelos ensinamentos que excedem os enquadres dessa pesquisa.

Ao Professor Doutor Charles Elias Lang, pelas contribuições realizadas no exame de qualificação.

À professora Doutora Rosane Zétola Lustoza, pela disponibilidade em contribuir na discussão desse trabalho na qualificação e na banca de Defesa.

À professora Doutora Maria Angélica Augusto de Mello Pisetta, por gentilmente aceitar ler e discutir esse trabalho na banca de Defesa.

Ao grupo de pesquisa *R.S.I.*, pelas trocas e discussões: Morgana Souza, Raianne Lima, Alessandra Kamila Cabral, André Lucas Guedes de Souza, Gabriela Lins Malta, Heitor Azevedo Albuquerque de Lima, Iasmin Maria de Oliveira, Laís Timoteo dos Santos, Larissa Bezerra Lima, Layla Borges, Lídia Amarilis Dias, Lilian Beatriz Rodrigues, Martha Barbosa e Priscila Gomes.

À Iasmin Maria de Oliveira, pela parceria e companhia durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, do início ao fim. O percurso de uma pesquisa é sozinho, mas nossas trocas e conversas, mesmo que virtuais, fizeram com que não fosse um caminho solitário.

À Ana Eliza.

À Marina Bialer, pela escrita didática e a interlocução, possibilitada pela virtualidade, acerca das autobiografias de autistas, viabilizando o desenvolvimento de pontos-chaves dessa dissertação.

Aos professores que tive ao longo da vida e que me fizeram ter um olhar atento e respeitoso sobre o mundo. Em especial, à Olga, que me lançou ainda na infância, através de sua biblioteca, no fascinante e poderoso mundo dos livros/palavras.

A todos os autistas, principalmente aos que atendi e atendo.

RESUMO

O autismo, nos últimos anos, tem figurado como um enigma na clínica psicanalítica suscitando muitas pesquisas, majoritariamente, sobre a infância e o diagnóstico. No entanto, identificou-se uma lacuna nas produções acadêmicas sobre autismo e adolescência e, por essa via, constituiu-se essa pesquisa com referencial teórico da psicanálise de orientação lacaniana. Assim, partiu-se da concepção de puberdade como despertar para o mal-estar com o objetivo de investigar as implicações da puberdade no autismo. Para tanto, baseou-se em três autobiografias de autistas – Naoki Higashida e a sua permanente luta com o corpo; Daniel Tammet e a chegada da puberdade; Temple Grandin e suas excitações nervosas – considerando que a escrita no autismo testemunha algo do seu funcionamento subjetivo. Ademais, privilegiou-se dois pontos de discussão: a puberdade e a reinvenção da relação com o corpo; e, o encontro com o Outro sexo. Conforme a escrita desses autistas, há para eles uma potencialização de um gozo sem barragem e, diante disso, ele é impelido a construir uma solução singular para lidar com esse excesso. Dessa investigação, depreendemos os impasses da puberdade para os autistas, principalmente no que se refere ao corpo próprio em suas tentativas de fazer um corpo artificialmente. Assim, com o advento do real da puberdade, essas invenções, geralmente construídas na infância, parecem não dar conta do que se impõe e exige a cada um reinventar esse corpo e um novo modo de relação com ele e com o Outro. Por fim, a partir da leitura das autobiografias, indica-se que não há interesse no Outro sexo, apontando, assim, para a possibilidade de um outro campo de investigação.

Palavras-chave: Autismo. Corpo. Puberdade. Psicanálise.

ABSTRACT

In recent years, autism has figured as an enigma in psychoanalytic clinical practice giving rise to much research, mostly, on childhood and diagnosis. However, a gap was identified in the academic productions on autism and adolescence and, in this way, this research was constituted with the theoretical referential of Lacanian psychoanalysis. Thus, it departed from the conception of puberty as an awakening to uneasiness, with the purpose of investigating the implications of puberty on autism. For that, it was based on three autobiographies of autistics – Naoki Higashida and his permanent struggle with his body, Daniel Tammet and the arrival of puberty, and Temple Grandin and his nervous excitations – whereas that writing in autism testifies something of his subjective functioning. Furthermore, two discussion points were privileged: puberty and the reinvention of the relationship with the body; and, the encounter with the Other sex. According to the writing of these autistics, there is for them a potentialization of a *jouissance* without a dam, and in face of this, they're impelled to build a singular solution to deal with this excess. From this investigation we deduce the impasses of puberty for autistic people, especially regarding the body itself in their attempts to make a body artificially. Thus, with the advent of the real of puberty, these inventions, usually built in childhood, seem to be unable to cope with what is imposed and requires each one to reinvent this body, and a new way of relating to it and to the Other. Finally, from the reading of the autobiographies, it is indicated that there is no interest in the Other sex, thus pointing to the possibility of another field of investigation.

Keywords: Autism. Body. Puberty. Psychoanalysis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
TEA	Transtorno do Espectro Autista
CDC	<i>Disease Control and Prevention</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	PERCURSO METODOLÓGICO	13
2.1	Autismo e Puberdade: uma revisão de literatura	14
2.2	Autobiografias: “uma boa viagem sobre nosso mundo”	18
2.2.1	Naoki Higashida e sua permanente luta com o corpo	22
2.2.2	Daniel Tammet e a chegada da puberdade	22
2.2.3	Temple Grandin e suas excitações nervosas	23
3	O FUNCIONAMENTO SUBJETIVO SINGULAR DO AUTISTA	25
3.1	A relação com o Outro: impasses na alienação	31
3.2	Relação com a linguagem: “sobretudo verborrágicos”	36
4	A PROBLEMÁTICA DO CORPO NO AUTISMO	41
4.1	Breves considerações sobre o corpo para a psicanálise	41
4.1.1	Constituição do corpo em Freud: do escudo protetor ao corpo narcísico	41
4.1.2	Constituição do corpo em Lacan: o estágio do espelho	46
4.2	Constituição do corpo no autismo	52
5	IMPLICAÇÕES DA PUBERDADE NO AUTISMO	57
5.1	Impasses da puberdade no autismo: a (re)invenção da relação com o corpo	60
5.2	Autismo e puberdade: o encontro com o sexual	65
5.2.1	A clínica com autistas adolescentes	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	76

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um campo consideravelmente novo de investigação e de estudos. Ademais, na psiquiatria, seu conceito nasceu no campo das psicoses e, só posteriormente, houve uma mudança quanto a essa classificação. Assim, colocou-se em jogo a possibilidade de o autismo vir a constituir uma categoria separada, o que proporcionou o surgimento de novos debates e teorias (FREITAS, 2018). Em contrapartida, na psicanálise, seu surgimento não ocorreu de modo tão divergente, mas os desdobramentos que se seguiram certamente tomaram caminhos diferentes, figurando até hoje como um enigma que motiva muitas pesquisas.

Na psicanálise lacaniana, destaca-se Rosine e Robert Lefort como precursores do autismo na clínica psicanalítica, em especial com o caso de Marie Françoise (LEFORT, 1984). O caso em questão é relatado em suas minúcias e demonstra a elaboração que foi se constituindo acerca do autismo. Na atualidade, há um outro autor – dentre outros – que se dedica à causa do autismo: Jean-Claude Maleval. Maleval aborda a estruturação subjetiva do autismo em vários textos, inclusive em seu livro “O autista e a sua voz” (MALEVAL, 2017), no qual utiliza diversas autobiografias de autistas ditos de alto funcionamento para embasar suas elaborações. Na introdução dessa obra, Maleval (2017) indaga: o que acontece com as crianças autistas depois que se tornam adultos? E é a partir disso que ele recorre aos autistas-escritores para tecer suas considerações.

Nessa mesma direção, esta pesquisa parte de uma indagação semelhante: o que acontece com os autistas na puberdade? Visto que, dentro da seara das pesquisas que abordam o autismo, a puberdade para o autista foi pouco explorada. Muitas são as pesquisas e bibliografias (FERREIRA; VORCARO, 2017; LAURENT, 2014; LEFORT; LEFORT, 1984; LEFORT; LEFORT, 2017; MALEVAL, 2015; MALEVAL, 2017; PAVONE; RAFAELI, 2011; POZZATO; VORCARO, 2014) que abordam a infância, o diagnóstico precoce, as etapas infantis do desenvolvimento para o autista, e depois – quando isso acontece – já se referem ao adulto autista, principalmente a partir das autobiografias dos autistas ditos de alto funcionamento (GRANDIN; SCARIANO, 1999; KEDAR, 2013; SELLIN, 1995; TAMMET, 2007; WILLIAMS, 2012).

Diante disso, a presente pesquisa buscou explorar justamente esse horizonte investigativo: a puberdade no autismo. Para chegar até seu objetivo principal – as implicações da puberdade no autismo – esta pesquisa passou por algumas etapas. Assim, seus primeiros passos foram trilhados a partir do ingresso no programa de Mestrado com um projeto que

versava sobre o diagnóstico diferencial do autismo no que diz respeito, mais especificamente, à constituição do corpo para esses indivíduos. Posteriormente, após o início da pesquisa e mediante a participação da pesquisadora no grupo de extensão Ateliê RSI¹ da Universidade Federal de Alagoas – o qual discute assuntos relacionados à adolescência – começaram a surgir questões quanto ao período da adolescência para os autistas, visto que esta temática figurava como pouco presente nas bibliografias. Diante disso, foram realizadas algumas buscas nas bases de dados – etapa demonstrada no tópico que aborda a metodologia – que corroboraram com essa escassez de materiais bibliográficos sobre essa temática, especialmente os estudos alicerçados sob a perspectiva psicanalítica.

Vale ressaltar que a adolescência não é um conceito psicanalítico, uma vez que o termo que foi utilizado por Freud foi puberdade (STEVENS, 2013). Freud aborda de modo mais incisivo o conceito de puberdade no terceiro ensaio sobre a sexualidade, que se intitula “As transformações da puberdade” (FREUD, 1905/1996). Assim, coloca a pulsão como central para as considerações que ele fará e frisa que as mudanças que virão a acontecer nesse período “levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente autoerótica; agora, encontra o objeto sexual” (FREUD, 1905/1996, p. 196).

Por essa via, Roy (2016), ao fazer uma análise sobre esse texto, afirma que Freud inclui referências cruciais para se identificar os possíveis impasses da puberdade nos mais diversos âmbitos. Assim, ele afirma que a teoria freudiana sobre a puberdade permite pensar sobre a mudança de corpo e de objeto, o modo de satisfação, os determinantes para a escolha de objeto e as reviravoltas em torno de uma autoridade que antes era restrita ao domínio edípico dos laços familiares. Sendo assim, é possível observar que a puberdade traz implicações para além das mudanças corporais.

A puberdade, portanto, não é a adolescência, mas sim um real “que as crianças encontram quando chegam à saída da infância” (STEVENS, 2013, p. 1). Esse real possui, segundo esse mesmo autor, dois aspectos: de um lado, um empuxo hormonal; de outro, o despertar de seus sonhos. Ademais, esse segundo aspecto é apresentado por Lacan no prefácio a “O despertar da primavera” (1973/2003, p. 571), ao destacar que “assim um dramaturgo

¹Atividade de extensão vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, coordenada pela professora Dra. Susane Vasconcelos Zanotti, que possui como integrantes estudantes da graduação e do mestrado em psicologia, psicólogos colaboradores. Discutem-se temas que se apresentam em nossa sociedade, especialmente no meio virtual, como: namoro 2D, suicídio nas redes sociais, autolesão, jogos de internet, grupos da cultura K-POP, cultura do cancelamento, dentre outros. Os temas são estudados principalmente a partir das noções de Real, Simbólico e Imaginário da teoria de Lacan.

abordou, em 1891, a história do que é, para os meninos adolescentes, fazer amor com as mocinhas, assinalando que eles não pensariam nisso sem o despertar de seus sonhos”.

Nessa mesma direção, Stevens (2016), em seu texto “Fazer-se um corpo na adolescência”, diz que algo muda com o surgimento da puberdade. Assim, ele afirma que “algo muda, sobretudo, com o que Lacan, no seu prefácio à peça de Wedekind, O despertar da primavera, chama de ‘o despertar de seus sonhos’” (STEVENS, 2016, p. 17). Assim, na puberdade, há mudanças corporais, mas mais do que um corpo refeito pela mudança biológica, há de se considerar que esse corpo se refaz porque os jovens são levados a sonhar de maneira distinta o despertar de seus sonhos. Sendo que “o despertar de seus pensamentos é também o pensamento do Outro corpo” (STEVENS, 2016, p. 17).

Ainda em relação à puberdade, Zanotti (2016, p. 3) destaca que esta é “como o momento de despertar para o mal-estar, presente em todo e qualquer sujeito. Mal-estar relacionado ao despertar para o desejo, à delicada relação do sujeito com o corpo próprio, ao traumático encontro com o outro e à difícil separação da autoridade dos pais”. Nota-se, dessa maneira, que este trecho corrobora com as teorizações de Freud e Lacan acerca da puberdade, só que agora sobre a rubrica de um despertar para o mal-estar, que estaria presente em todos. Nesse sentido, a questão que surge e que orientou o percurso desta pesquisa é: esse mal-estar se apresentaria para o sujeito autista? E de que forma?

No que se refere ao autismo, essas questões se justificam ao se considerar que, segundo Pimenta (2018), o autista se mostra ameaçado pela presença do Outro e, por isso, sempre tenta se proteger. Assim, no autismo há uma busca por anular o Outro. Por conseguinte, Lacan (1998a) assinala na “Conferência em Genebra sobre o sintoma” que os autistas escutam a si mesmos, ou seja, possuem um pretense gozo fechado que não inclui Outro. Assim sendo, ao levar em conta a maneira singular da posição do autista em relação ao Outro e sua relação com a constituição do corpo, algumas questões podem ser suscitadas. Como aborda Pimenta (2018, p. 122), a relação do autista com o corpo se encontra impossibilitada pelo “fato mesmo de o autista não ter constituído um corpo”. Sabe-se que, para a psicanálise, o corpo não é um dado biológico, “ele se institui” (PIMENTA, 2018, p. 122).

Nessa mesma direção, os autores Padilha e Lhullier (2012, p. 118) afirmam que no autismo “não há imaginarização do corpo, o que significa que esse sujeito vive na dimensão de seu corpo real, não ‘tem’ um corpo”, principalmente porque, para tê-lo, isso requer que ocorra uma alienação à imagem do outro especular. Dessa maneira, no autismo, “o sujeito está imerso

no real” (PADILHA; LHULLIER, 2012, p. 120) e, desse fato, várias implicações podem ser recolhidas.

À vista disso, ao considerar o modo singular de relação do autista com o Outro e sua constituição do corpo que, posteriormente, serão aprofundadas na presente investigação, nos questionamos se haveria uma especificidade quanto ao real da puberdade para esses indivíduos. Um dos pontos de partida para essa reflexão se apoia na noção de puberdade enquanto um despertar para o mal-estar: será que há um despertar do mal-estar para o autista? Isso se apresenta de alguma maneira para ele? Ou ainda, dito de maneira mais clara, quais as implicações da puberdade no autismo? Essas, portanto, constituíram as questões norteadoras da pesquisa que buscou investigar as implicações da puberdade no autismo. Para tanto, essa dissertação se organiza em quatro capítulos, os quais representam a ordem teórica e a temporalidade em que foi estruturada.

Após a introdução, no segundo capítulo, serão apresentados os aspectos metodológicos a partir da descrição do percurso e suas escolhas, além das bases teóricas desta pesquisa. No terceiro capítulo, de modo a apresentar o campo de discussão do autismo em que esta pesquisa se insere, há uma breve explanação sobre a história e a trajetória do autismo na psicanálise. Ainda nesse capítulo e no seguinte – terceiro e quarto capítulos –, considerou-se os três pontos resumidos por Pimenta (2018) que devem ser observados para um diagnóstico psicanalítico do autismo: “a posição que o sujeito ocupa diante do Outro; a relação que estabelece com a linguagem; a constituição do corpo” (PIMENTA, 2018, p. 119). Esses três pontos são de suma importância para entender o funcionamento e a estruturação subjetiva no autismo, visando à discussão das implicações decorrentes para a puberdade.

Sendo assim, o terceiro capítulo, em consonância com o primeiro objetivo específico desse trabalho, abordou a relação com o Outro no autismo, assim como a relação com a linguagem. Conseqüentemente, o quarto capítulo trouxe a discussão sobre a constituição do corpo no autismo e, para isso, apresentou algumas considerações sobre o corpo na psicanálise a partir de Freud e Lacan, culminando na problemática da constituição do corpo no autismo. Já o quinto capítulo contemplou o objetivo principal desse trabalho ao discutir as implicações da puberdade no autismo. Aborda-se, inicialmente, os impasses da puberdade ao considerá-la como um despertar para o mal-estar. Em seguida, demonstra-se o que foi possível recolher a partir da leitura das autobiografias. Por último, traz a discussão a partir da seguinte pergunta: há despertar no autismo?

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Antes de enveredar pelo percurso metodológico empreendido, salienta-se que esta pesquisa se fundamenta e se orienta a partir da psicanálise lacaniana, e é a partir dela que é possível pensar o método deste trabalho. A metodologia foi se construindo enquanto a própria pesquisa foi se desenvolvendo, por isso, aqui demonstraremos o percurso trilhado e quais foram suas balizas. Dessa forma, como afirma Gallo (2012), diante das particularidades da pesquisa em psicanálise na universidade, considera-se que o método não se elabora antes de iniciar a pesquisa por completo, mas vai tomando forma e se ajustando à medida que esta vai se desenvolvendo.

Assim, as indagações, os questionamentos e os direcionamentos foram se configurando durante a própria pesquisa, uma vez que, segundo Guerra (2010, p. 142), o campo de pesquisa da psicanálise “é, pois, o campo do inconsciente – o que inclui, inarredavelmente o sujeito. E o estilo de sua produção científica é a abertura à contingência do encontro com o real a que cada pesquisa pode conduzir”. Ou seja, a psicanálise inclui a contingência e, do mesmo modo, a pesquisa em psicanálise também deve incluir que há uma dimensão contingente em jogo, com a qual o pesquisador vai se deparar durante as leituras e investigações.

Portanto, esse percurso se edificou a partir das indagações que foram surgindo. Inicialmente, a metodologia escolhida para esta pesquisa foi a pesquisa teórica em psicanálise. Ademais, ao tomar como sustentáculo o que García-Roza (1994) afirma, tem-se que a pesquisa em psicanálise, dada a singularidade de seu objeto, tem mais condições de ser viável pela vertente teórica. Sendo esse tipo de pesquisa aquela que pode se realizar a partir do estudo de textos de pesquisadores da psicanálise, não somente restritos à Freud e à Lacan, mas àqueles que mantêm discussões que alcançam, em seu horizonte, a subjetividade de sua época, como Lacan (1998b) recomendou. Então, em termos de referencial teórico-metodológico, essa pesquisa se caracteriza enquanto uma pesquisa teórica em psicanálise e se apoia em Freud e Lacan, bem como em autores contemporâneos que compartilhem desse mesmo referencial teórico.

Assim, tomou como fontes primárias (BASTOS, 2009) os textos de Freud e Lacan, principalmente, no que concerne à relação com o Outro, com o corpo, bem como no que diz respeito à puberdade. Ademais, como fontes secundárias (BASTOS, 2009), foram utilizados os textos e bibliografias de outros autores que abordaram de modo significativo a temática da puberdade, tais como Alexandre Stevens (2013) e Phillipe Lacadeé (2008). Além disso, para

abordar a relação com o Outro no autismo e, conseqüentemente, caracterizar a constituição do corpo no autista, foram utilizados textos dos autores mais proeminentes na discussão do autismo. Esses foram: Robert e Rosine Lefort, em seu texto “Nascimento do outro” (1984) e no livro “A distinção do autismo” (2017); Jean-Claude Maleval, em seu livro “O autista e a sua voz” (2017); Éric Laurent, com o livro “A batalha do autismo: da clínica à política” (2012), dentre outros. Diante dos materiais que foram selecionados, foram utilizadas técnicas próprias da pesquisa teórica que, segundo Bastos (2009), consistem na leitura prévia, leitura seletiva, analítica e interpretativa dos textos.

2.1 Autismo e Puberdade: uma revisão de literatura

Ao incluir como objeto principal as implicações da puberdade – que antes abordava, de modo geral, a questão do corpo no autismo –, notou-se a importância de investigar o campo de discussão e o que vinha sendo discutido sobre a temática da puberdade no autismo e suas possíveis implicações. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico. Diante do uso recorrente nos estudos psicanalíticos do termo adolescência, este também foi incluído como um descritor.

Assim, realizou-se um levantamento bibliográfico em meios eletrônicos em duas bases de dados, a saber a *Scientific Electronic Library* (SciELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS). Além disso, a busca se estendeu ao Google Acadêmico e, diante da escassez de resultados, também foi realizada uma pesquisa no Google e em sites de psicanálise de orientação laciana. Os descritores utilizados no primeiro grupo foram: (1) Autismo *AND* Adolescência; (2) Autismo *AND* Adolescência *AND* Psicanálise; (3) Autismo *AND* Adolescente *AND* Psicanálise. No segundo grupo – pelo fato de adolescência não ser um conceito da psicanálise – foi realizada uma busca com a inclusão do termo puberdade com os seguintes descritores: (1) Puberdade *AND* autismo; (2) Autismo *AND* Puberdade *AND* Psicanálise.

A busca na BVS, com a utilização do descritor “adolescência” em seu primeiro bloco de descritores, resultou em 157 artigos. No entanto, após a leitura dos títulos e palavras-chave, observou-se que nenhum dos resultados possuía articulação com a psicanálise. A busca a partir do segundo conjunto de descritores resultou em 8 artigos e, após a leitura dos títulos e palavras-chave, foi realizada a leitura do resumo. Após a leitura do resumo, notou-se que, em sua maioria, os artigos abordam experiências em instituições de saúde mental que assistem o público infanto-

juvenil, mas não a adolescência para os sujeitos autistas. No terceiro bloco de descritores, foram encontrados 10 artigos, sendo que após a leitura dos títulos, palavras-chave e resumos, foi possível perceber que nenhum contemplava uma discussão acerca da adolescência para esses indivíduos.

A busca no SciELO com a utilização do termo “adolescência” em seu primeiro bloco de descritores resultou em 18 artigos. Após a leitura dos seus títulos e palavras-chave, observou-se que nenhum possuía articulação com a psicanálise, sendo, em sua maioria, artigos de outras áreas da saúde, tais como Fonoaudiologia e Medicina. A busca a partir do segundo e do terceiro conjunto de descritores não encontrou nenhuma referência.

A busca no Google acadêmico, Google e nos sites de psicanálise resultou em alguns artigos e textos que abordam o autismo, mas que não abordam a adolescência. O único texto que trata, específica e diretamente, sobre o autismo na adolescência é “A chegada da adolescência para o autista: uma leitura psicanalítica”, de Cláudia Márcia Soares (2019). Além desse, durante o andamento da pesquisa, foram encontrados dois textos que apresentavam casos clínicos de adolescentes autistas (CHIAPPINI, 2016; FREIRE, 2012), os quais foram considerados importantes – principalmente diante da investigação empreendida. Sendo assim, foram incluídos em forma de vinhetas clínicas no último capítulo, por trazer contribuições e consistir em referências, a partir da clínica, sobre essa investigação.

A pesquisa realizada a partir do descritor “puberdade” nas bases de dados acima citadas, em seu primeiro bloco – puberdade e autismo – não resultou em nenhum artigo ou publicação. Do mesmo modo, a busca a partir do segundo bloco de descritores – autismo e puberdade e psicanálise – também não resultou em nenhum artigo. Dito de outro modo, esses resultados evidenciam que há uma escassez de publicações que contemplem essa temática. À vista disso, surge o impasse de como se daria essa investigação, visto que a bibliografia teórica existente ainda não contemplava essa articulação: autismo e puberdade.

Durante essas pesquisas bibliográficas, há o encontro com o artigo intitulado “Novas pesquisas sobre o autismo” (LUCERO; VORCARO; SANTOS, 2015), o qual apresenta uma resenha sobre o livro “*Affinity therapy: Nouvelles recherches sur l'autisme*” (PERRIN, 2015), que contém um texto de Ron Suskind, jornalista e pai de Owen, um menino autista. Assim, ao passo em que empreendem uma discussão, Lucero, Vorcaro e Santos (2015) também abordam o livro (adaptado para filme) mais conhecido de Ron que é o “Vida animada: uma história sobre autismo, heróis e amizade” (SUSKIND, 2017). Assim, o livro aborda a história de seu filho autista Owen Suskind tanto a partir das situações, falas e pensamentos compartilhados por

Owen, quanto de suas soluções singulares para lidar com as vicissitudes da vida. Em suma, foi esse livro que, mesmo não sendo uma autobiografia, abriu uma outra possibilidade investigativa: a de buscar textos dos próprios autistas, isto é, tomar como objeto o que eles mesmos têm a dizer.

Assim, diante da carência de publicações e levando em consideração, como aborda Bialer (2014b), o crescente fenômeno de autistas que passaram a produzir textos e autobiografias, que dão testemunho e relatam “seu funcionamento psíquico e sua história de vida” (BIALER, 2014b, p. 452), estes escritos podem ser pensados clinicamente, a fim de constituírem um material importante para expandir a compreensão sobre o autismo. A partir disso, a presente pesquisa considera que utilizar esses materiais que figuram como testemunhos desses autistas é uma via de pesquisa, como afirma Bialer (2014b, p. 453) “a partir do contato com a literatura produzida por esses autistas, é possível observar as condições necessárias para a construção de soluções singulares, de acordo com as nuances da estrutura subjetiva do autismo”.

Nessa mesma direção, Bialer (2015) destaca, no artigo “A inclusão escolar nas autobiografias de autistas”, que em vários escritos de autistas há críticas aos especialistas, alegando que, muitas vezes, há uma cegueira clínica por parte dos profissionais por se debruçarem exclusivamente às teorias e às doutrinas, excluindo o que o autista tem a dizer. Nessa perspectiva, Maleval (2015) destaca, ainda, que os escritos dos autistas têm duas características: eles escrevem para se “fazerem reconhecer como seres inteligentes e para demandar uma melhor consideração de sua diferença” (MALEVAL, 2015, p. 14). O autor afirma que o autista escreve e se sente como porta-voz de outros autistas, assim, é uma escrita que serve para testemunhar algo do seu funcionamento subjetivo e dos impasses encontrados. Portanto, a importância de utilizar as autobiografias como material de pesquisa se alinha a uma tentativa de não mais excluir o que eles têm a dizer.

Sendo assim, a investigação empreendida aqui toma como operador metodológico justamente os impasses e como objeto de estudo, as autobiografias de autistas. Desse modo, tem como objetivo identificar quais os impasses relacionados à puberdade para esses sujeitos e se a puberdade se configura para eles enquanto um despertar para o mal-estar. Não obstante, essa escolha metodológica também foi utilizada por Maleval (2017), pois em muitos momentos da obra “O autista e sua voz”, o autor recorre ao testemunho dos próprios autistas. Inclusive, nesse livro, ele reconhece que a escrita para os autistas atende alguns critérios que os satisfazem, tais como a imutabilidade, a perspectiva de controle, a ordenação das palavras e pensamentos,

evitando, inclusive, polissemias, dentre outros. Por conseguinte, proporciona, ainda, a não necessidade de endereçamento e a ausência do outro quando se escreve. Sendo assim, a escrita pode ser considerada um elemento de borda que o protege contra a angústia, favorecendo trocas com o meio e a inserção social. Nessa mesma direção, Naoki Higashida (2014) – autista japonês não-verbal – aponta que, ao escrever as palavras, não fica sozinho, e que estas são muito mais fáceis de controlar do que quando faladas.

Desse modo, é importante tomar como diretriz e direção o que Higashida (2014) escreve em seu livro “O que me faz pular” (escrito aos 13 anos de idade). Segundo o autor, “o mundo do autismo deve parecer um lugar extremamente misterioso. Portanto, por favor, pare um pouco e ouça o que tenho a dizer. E faça uma boa viagem através do nosso mundo” (HIGASHIDA, 2014, p. 22-23). Tais palavras devem ser tomadas como uma recomendação ao nosso método, sendo necessário, portanto, ler esses testemunhos “sustentando um lugar vazio para o contingente” (MEIRA, 2020, p. 15) para que, assim, algo dali possa ser extraído.

A escolha das autobiografias ocorreu por meio de algumas etapas, sendo que o primeiro livro foi selecionado a partir de textos de Marina Bialer (BIALER, 2015; 2014a; 2014b), que utiliza recorrentemente autobiografias de autistas para discutir questões do autismo. Além disso, apresenta várias autobiografias distintas e sobre o que aborda. Assim, durante essas leituras, foi selecionado o livro “O que me faz pular” (HIGASHIDA, 2014), escrito quando ele tinha 13 anos de idade e, após sua leitura, observou-se alguns pontos no que diz respeito ao corpo.

O segundo e o terceiro livro foram escolhidos em momento ulterior, a partir da leitura do livro “O autista e a sua voz” de Maleval (2017), que também utiliza vários testemunhos de autistas, incluindo os de Daniel Tammet e de Temple Grandin. Ademais, são autores/autistas muito conhecidos por suas contribuições acerca do funcionamento subjetivo do autismo. Assim, o segundo livro, de Daniel Tammet, é intitulado “Nascido em um dia azul: por dentro da mente de um autista extraordinário” (2007) e possui um capítulo voltado ao período da adolescência. O terceiro livro, de Temple Grandin, é “Uma menina estranha: autobiografia de uma autista” (GRANDIN; SCARIANO, 1999), em que a autora descreve os desafios encontrados na adolescência com o aumento de excitações.

Um quarto livro havia sido selecionado visando incluir uma referência autobiográfica brasileira, a obra “Eu, Professora, Pesquisadora e Autista: Retalhos de Uma Vida” (2020), escrito por Marcia Capella. Nesse livro, a escritora narra sua vida desde a infância até os dias atuais, aos 56 anos de idade. Após a leitura do mesmo, notou-se que ele não forneceria

elementos que abordassem de modo significativo para essa pesquisa o tema da puberdade ou mesmo a relação com o Outro, linguagem e corpo e, por esta razão, a obra não foi inserida. Assim, o livro “Vida animada: uma história sobre autismo, heróis e amizade” (SUSKIND, 2017), juntamente com essas três autobiografias, foram utilizados nessa investigação que acontece no último capítulo, o qual culmina no objetivo principal desse trabalho sobre as implicações da puberdade no autismo.

Na utilização das autobiografias, considerou-se como fundamento a “douta ignorância” – expressão que foi cunhada pelo filósofo Nicolau De Cusa e retomada por Lacan - a fim de favorecer “os deslocamentos no real, inapreensível *a priori* quando referido a determinado campo semântico de saber” (GUERRA, 2001, p. 92, grifos da autora). Assim, tendo em vista a impossibilidade de escutar os autistas um a um, toma-se esses escritos como material de pesquisa que pode possibilitar uma articulação entre teoria e clínica. Ademais, as obras foram lidas a partir da orientação do não-saber para que, dali, pudesse emergir algum saber. Essas leituras tomadas a partir de um não-saber tiveram como operador metodológico justamente os impasses da puberdade e foram eles que nortearam a investigação empreendida.

2.2 Autobiografias: “uma boa viagem sobre nosso mundo”

A viagem sobre o mundo do autismo tem como ponto de partida o jornalista Ron Suskind, que escreveu sobre seu filho Owen, os impasses e as soluções encontradas por ele enquanto autista. É importante destacar que é uma escrita familiar, como coloca Suskind (2017), pois conta a vida de Owen com a ajuda da família nuclear – a mãe Cornélia e o irmão Walt – e com a memória praticamente eidética de Owen. Nesse livro, Ron relata, dentre outras questões, sobre o modo como Owen experiencia a saída da infância e quais foram suas invenções para lidar com essa nova etapa de vida. Assim, foi a reinvenção de Owen na adolescência, a partir de uma invenção que já o servia na infância, que norteou e despertou o interesse pela inclusão das autobiografias como forma de análise. Portanto, apertem os cintos que a viagem sobre o mundo desses autistas escritores está para começar. Antes, é importante demonstrar o ponto de partida, qual seja: Owen e sua vida de escudeiro a herói.

Owen, até próximo dos três anos de idade, estava sob a luz, mas em um passe de mágica, parece não estar mais no palco: “Owen está fora de si” (SUSKIND, 2017, p. 13). Apesar de não entoar muitas palavras, passa “a se ater a umas poucas palavras” (SUSKIND, 2017, p. 13) e, além disso, não dorme e olha fixamente para o nada. Os pais passam a pensar que “nenhuma

criança perde aquilo que já conquistou. Ninguém cresce pra trás” (SUSKIND, 2017, 16). Em seguida, eles descobrem que esse “crescimento pra trás” tinha um rótulo geral: Transtorno Invasivo do Desenvolvimento e, de modo mais específico, autismo (SUSKIND, 2017).

A princípio, os pais não aceitam esse diagnóstico, levando-o a outros especialistas, os quais confirmaram o autismo. A partir disso, Owen inicia alguns tratamentos e começa a estudar na escola Ivymount, uma escola especializada em crianças deficientes. Quando estava em casa, passava o dia tranquilamente assistindo a vídeos da Disney com o irmão Walt. Não obstante, em um desses dias, enquanto assistia “A pequena sereia” – filme que já haviam assistido várias vezes – Owen começou a falar palavras sem sentido e voltou o filme na parte em que a bruxa diz “o meu preço é a sua voz”. Após a quarta repetição, os pais perceberam que as palavras sem sentido de antes tinham um sentido: é a sua voz.

A partir de então, começa a se esboçar o lugar desses desenhos e filmes da Disney para Owen. Apesar de os médicos rotularem essas vocalizações como ecolalia, é a partir dos diálogos da Disney que Owen passa a se comunicar e a família passa então a utilizar desse recurso para se conectar com Owen. Assim, escolhiam algum personagem, utilizando sua voz e buscando ao máximo se aproximar de sua entonação e seus trejeitos. Um dia, o pai com um fantoche de um dos personagens e imitando sua voz pergunta à Owen “como vão as coisas?”. Owen, então, responde: “não estou feliz. Não tenho amigos. Não entendo o que as pessoas dizem” (SUSKIND, 2017, p. 63). E assim, Owen ia transitando entre o mundo Disney e o mundo real.

Com o tempo, além de assistir os filmes, Owen passou a desenhar os personagens da Disney, acumulando muitos cadernos. Por volta dos 11 anos, começou a querer passar mais tempo no porão (onde ele assistia aos filmes) para desenhar. Um dia, o pai desce e encontra um de seus cadernos de desenho e, ao folheá-lo, encontra na última página a seguinte frase: “nenhum escudeiro fica pra trás” (SUSKIND, 2017, p. 109). Assim, foi a partir desse enredo que Owen começou a dar consistência a si e seu mundo. Considerou-se um escudeiro, assim como seus colegas de escola e o único herói que ele atribuiu na sua história é seu irmão Walt, que sempre foi seu modelo.

Além do desenho, Owen passou a mudar os roteiros da Disney. Assim, trabalhou dedicadamente em um roteiro que se intitulava “Doze escudeiros em busca de um herói”. Também foi mais ou menos nessa fase que ele começou a ser atendido por Dan Griffin, que ao contrário dos outros profissionais, vê na utilização da Disney um recurso terapêutico, nomeando como terapia Disney. Assim, Owen recorreu a língua Disney e “transformou sua afinidade por filmes de animação (...) em uma língua para delinear sua identidade e acessar emoções que são

intocáveis e incontroláveis para a maior parte dos adolescentes e até dos adultos” (SUSKIND, 2017, p. 162).

Em outro texto escrito por Owen, ao ser solicitado que ele criasse uma história em que ele mesmo fosse o personagem, demonstra as aflições decorrentes das mudanças da puberdade. Assim, inicia o texto com a seguinte frase “um menino tem medo do futuro e de como a vida vai ser...” (SUSKIND, 2017, p. 186). Nessa história havia um menino – que, no caso, representava ele mesmo – que adentrava uma floresta e lá encontrava uma pedra mágica que, ao ser colocada em determinada posição, se transformava em um espelho que descortinava seu futuro. Seguindo na floresta, ele atravessava um rio e percebia que perdeu essa pedra. Para encerrar a história, ele acrescenta que “não faz mal. (...) Ele não precisa mais da pedra agora que sabe que seu futuro vai ser brilhante e cheio de alegria” (SUSKIND, 2017, p. 186).

Nota-se que a língua da Disney foi uma invenção encontrada por Owen ainda na infância. No entanto, com a chegada da puberdade, ele precisou reinventar o modo de se utilizar dela. Assim, as mudanças decorrentes desse período passaram a fazê-lo regredir e se desestabilizar. Em suas palavras, “qualquer coisa que sugira crescimento, mudança, o mundo adulto ou o futuro começa a se tornar intocável” (SUSKIND, 2017, p. 218). Diante dessa inquietação, em um dia de terapia, o Dr. Griffin coloca pra ele uma situação hipotética: se tivesse um menino como você que tem medo do futuro e de crescer e, por isso, quer voltar a ser criança, o que Merlin (um personagem da Disney) diria? No que Owen responde: “(...) bom, você tem que pensar naquela água como se fosse o futuro. Ele é desconhecido até você nadar nele. E, quanto mais você nada, mais sabe. Tanto sobre as águas profundas quanto a respeito de si mesmo. Então nade, menino, nade” (SUSKIND, 2017, p. 219).

Aos poucos, Owen foi se dando conta que, apesar de sempre ter atuado no papel de escudeiro e a procurar um herói, os escudeiros são heróis dentro de suas próprias histórias. Tanto que, ao falar sobre o porquê de gostar tanto dos filmes, ele diz que é por eles não mudarem – só que ele muda. Assim “a cada vez, parece diferente para mim (...). Então entendi que era sobre encontrar a beleza em lugares onde isso é difícil (...). É sobre encontrar a beleza em você mesmo, porque só assim vai ser capaz de enxergar de verdade o amor nos outros e em todo lugar” (SUSKIND, 2017, p. 307).

Ao final do colégio, Owen vai para o ensino superior através do programa “Preparando-se para o Mundo Lá Fora”, onde tem colegas de dormitório e os demais elementos inerentes a uma experiência universitária. É durante esse período que ele cria o Disney Club, em que alguns alunos iam toda semana até o seu dormitório para assistir os filmes preferidos de Owen e, por

meio deles, falavam sobre si, suas experiências e emoções. Em meio a esses membros, Owen conhece Emily, a quem descrevia como boazinha e bonita. Assim, com o incentivo de seu herói modelo – Walt –, ele a convida para sair e, desse dia em diante, Walt vai tentando ensinar a Owen como namorar. Sendo que, para Owen, as balizas para seu namoro permanecia sendo o mundo Disney.

Owen afirma estar apaixonado por Emily, dado ela ser boazinha, doce, e gostar das mesmas coisas que ele, ou seja, filmes de animação, principalmente aqueles desenhados à mão. Formavam uma bela dupla, a qual tinham muita parceria, mas o mundo e a língua Disney não conseguiam ajudá-lo em tudo que envolvesse o relacionamento, “uma vez que tinha de lidar com algo que não era colocado nas histórias infantil: o sexo” (SOARES, 2019, p. 1284). Então, cada vez mais, o irmão foi aprofundando os indicativos de intimidade na relação, no entanto, Owen começou a achar que o herói – Walt – passava a não conseguir solucionar a questão. Assim, Emily terminou o namoro com Owen e ele se entristeceu muito com esse fim. Por conseguinte, o amor para Owen, como afirma Soares (2019, p. 1284) “parece não incluir o sexo como parte de seu relacionamento”, incluindo somente o que estava circunscrito no interesse específico que eles partilhavam: filmes de animação.

Assim, diante desse resumo, nota-se que Owen, no final da infância, passou por inquietações que o levaram a buscar um novo lugar e um novo sentido à invenção singular de sua infância: a língua Disney. Assim, essa criação passou por uma reinvenção, agora com mais elementos do seu mundo interior e da sua singularidade, seja ao desenhar ou mesmo ao mudar os roteiros de acordo com as situações com as quais precisava lidar. Não obstante, isso possibilitou a criação de um clube Disney ao final da adolescência que, segundo Soares (2019), permitiu ao Owen alcançar “alguma subjetivação do gozo que lhe afetava o corpo na etapa da puberdade” (SOARES, 2019, p. 1285). O segundo aspecto observado e corroborado por Soares (2019) é em relação ao encontro com Emily, possibilitada pela língua Disney, mas obstaculizada pela mesma, pois foi uma relação que se estabeleceu nos limites dessa borda autística (através do interesse específico) que, porém, não incluía o sexo. A história de Owen parece apontar para o não encontro com o Outro sexo ou, pelo menos, para a evitação do mesmo.

Assim, a partir da história de Owen, dois pontos de investigação puderam ser pensados: a puberdade enquanto um momento de reinvenção e o encontro com o Outro sexo. Dessa forma, a partir desses apontamentos encontrados na história de Owen enquanto pontos de observação, é que foram lidas as três autobiografias que serão apresentadas a seguir.

2.2.1 Naoki Higashida e a sua permanente luta com o corpo

Inicialmente é importante frisar o modo como esse livro é organizado. O livro escrito pelo autista japonês Naoki Higashida, aos 13 anos de idade, é dividido em capítulos, sendo que cada um deles se inicia com uma pergunta que buscará ser respondida pelo autor. Higashida (2014) responde a essas perguntas enquanto um porta-voz dos demais autistas, tanto que sempre utiliza o pronome “nós”.

Seu texto, diferentemente da maioria das outras autobiografias, não se configura como uma narração de sua história de vida. Assim, pinçar elementos que digam respeito a algo da puberdade exige um esforço a mais. Apesar disso, Higashida (2014) traz em suas respostas algumas observações importantes a respeito da sua relação com o corpo. Em diversos momentos, deixa claro o quanto essa relação é marcada por idiossincrasias e, muitas vezes, por uma falta de controle sobre o mesmo, como ao afirmar que “não temos nem controle sobre nosso corpo. Tanto ficar quieto quanto se mover quando nos é pedido é um desafio – é como comandar por controle remoto um robô com defeito” (HIGASHIDA, 2014, p. 37).

Ademais, aborda a relação com a linguagem ao afirmar “não sei por que não conseguimos nos comunicar de forma adequada. Mas não é por não quisermos falar – é porque não podemos, e sofremos por causa disso” (HIGASHIDA, 2014, p. 147). Em sua forma didática de apresentar seu mundo, ou melhor, o mundo dos autistas e suas possibilidades e dificuldades, duas dificuldades ficam marcadas em seus relatos: a dificuldade em se comunicar e a de se relacionar com o próprio corpo.

2.2.2 Daniel Tammet e a chegada da puberdade

Daniel Tammet é um dos autistas-escritores expoentes desse tipo de literatura e, em seu livro “Nascido em um dia azul: por dentro da mente de um autista extraordinário”, descreve os impasses e soluções encontradas ao longo de sua vida. Tammet (2007) nasceu em 1979 e o autismo, naquela época, ainda não figurava como uma categoria diagnóstica da mesma forma que é hoje. A princípio, o seu diagnóstico constava apenas correlacionado enquanto síndrome de Savant. Nessa perspectiva, ele afirma que “**sente** uma necessidade quase obsessiva de ordem e rotina que afeta praticamente todos os aspectos da **sua** vida” (TAMMET, 2007, p. 13, grifos nossos). Apenas após muitos anos é que Daniel obteve o diagnóstico de autismo, situando-se na síndrome de Asperger.

Tammet (2007) afirma que tem uma experiência visual e emocional com os números, experiência essa que os especialistas costumam denominar de sinestesia. Segundo ele, é “uma rara mistura neurológica dos sentidos, que costuma resultar na capacidade de ver letras do alfabeto e/ou números com cores” (TAMMET, 2007, p. 14). É por essa particularidade que ele diz que o dia de seu nascimento – 31 de janeiro de 1979, uma quarta-feira – “é azul na minha mente e as quartas-feiras são sempre azuis, como o número nove ou o som de vozes altas discutindo” (TAMMET, 2007, p. 13).

Assim, ele constrói o testemunho de sua vida, tanto sobre a infância até algumas de suas experiências na escola, apresentadas no capítulo 5, intitulado “Discrepante”. À época, sentava-se sozinho no pátio da escola e começa a refletir: “estou com 10 anos e sei que sou diferente de uma maneira que não consigo expressar ou entender” (TAMMET, 2007, p. 69). Notava as crianças correndo, trombando umas nas outras e ele ficava com medo. Contudo, apesar disso, sentia falta de ter amigos. Em suas palavras, afirma que “passava horas à noite acordado na cama olhando para o teto e imaginando como seria a amizade com alguém” (TAMMET, 2007, p. 70). Em respostas a essa solidão, Tammet passa a criar seus próprios amigos para o acompanharem nos momentos solitários do recreio.

Dentre as suas criações, uma em especial parece ter ocupado uma função importante para ele: Anne. Anne tinha uma história pessoal em que perdia seu marido e agora também vivia sozinha, ficando muito grata pela companhia de Daniel. Tammet (2007, p. 74) diz que “olhando para trás, Anne era a personificação de meus sentimentos de solidão e incerteza, um produto daquela parte de mim que queria enfrentar minhas limitações e começar a se libertar delas”. Seguindo a proposta de Laurent (2014), pode-se considerar que talvez essa invenção de Tammet na personificação de Anne tenha funcionado como um duplo, que o possibilitou lidar com essa solidão. Por fim, Tammet (2007) relata o quanto, em diversos momentos, precisou impor novas formas de lidar com corpo e com o outro, a exemplo, a proximidade da puberdade. Tais aspectos serão melhor detalhados no quinto capítulo da presente escrita.

2.2.3 Temple Grandin e suas excitações nervosas

Em seu livro “Uma menina estranha: autobiografia de uma autista” (GRANDIN; SCARIANO, 1999), Grandin busca falar sobre si, mas também em nome dos demais autistas. Não somente nesse livro, mas em outros publicados por ela, é notório o esforço para expressar seu funcionamento subjetivo e sua dedicação em auxiliar outros autistas e seus pais na busca

por possibilidades e soluções para esses sujeitos. Desde os 6 meses, Temple já não se aninhava no colo da mãe, ficando totalmente rígida, além de ignorar a maioria dos sons, mesmo os altíssimos. Até seus três anos e meio, só se comunicava por meio de gritos e murmúrios. Somente aos 30 anos conseguiu, enfim, apertar a mão de outra pessoa e olhar diretamente em seus olhos. Após uma ida à fazenda de sua tia, começou a se interessar ainda mais por animais e, com o tempo, acabou criando uma “máquina do abraço” para pressioná-la, mas sem a necessidade de ter que lidar com o desconforto do corpo de outra pessoa (GRANDIN; SCARIANO, 1999).

Durante todo seu relato, Grandin afirma que sempre teve ataques de nervos “que incluíam palpitações, boca seca, suor na palma das mãos e espasmos nas pernas” (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p. 76). Ainda sobre essas crises nervosas, ela complementa que “um fato interessante sobre as crises nervosas é que as reações a certos estímulos podem ser dessensibilizadas numa criança mais nova, aparecendo com plena intensidade apenas depois da puberdade” (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p. 77). Percebe-se, a partir desse trecho, que com a puberdade há o aparecimento de uma nova intensidade de crises nervosas em resposta a certos estímulos.

Ao falar de maneira específica como foram as transformações para ela, afirma:

Em meu caso, entre os sete e os dezessete anos tive acessos recorrentes de oxiúros (...). Antes da puberdade, a coceira era apenas irritante, mas depois passou a desencadear uma reação grande de stress, com todos os sintomas fisiológicos: batimentos cardíacos acelerados, suores e ansiedade (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p. 77).

Em outros trechos, Grandin relata como teve que reinventar uma maneira de lidar com essas excitações nervosas a fim de conseguir manter uma relação com o próprio corpo e com o Outro. Afirma, ainda, que sempre quis fazer amizades, mas nunca entendeu o interesse das pessoas em ter relações amorosas, o que a faz decidir por ser celibatária. Destarte, após essa breve incursão sobre as autobiografias analisadas e visando iniciar a discussão pretendida nesse trabalho, torna-se necessário introduzir a temática do autismo a partir de sua história.

3 O FUNCIONAMENTO SUBJETIVO SINGULAR DO AUTISTA

Inicialmente, para falar do autismo a partir da psicanálise, é preciso apresentar uma breve incursão histórica e teórica com o intuito de introduzir o campo para que possamos ir em direção às especificidades que interessam a essa pesquisa. Salienta-se que o termo “autista”, segundo Stefan (1991), foi incluído na psiquiatria em 1906 por Plouller. À época para adjectivar “a tendência dos pacientes diagnosticados como tendo demência precoce, de referirem a si mesmos tudo que ocorria em sua volta” (STEFAN, 1991, p. 15). Posteriormente, no ano de 1911, o nome autismo é utilizado por Bleuler “para descrever o retraimento do sujeito num mundo interior autoerótico” (MALEVAL, 2017, p. 16). Ou seja, o autismo à época era utilizado como nomeador de um sintoma esquizofrênico e foi justamente a partir das pesquisas de Bleuler que, posteriormente, Leo Kanner (1943) e, logo em seguida, Asperger (1944) começaram a considerar o autismo uma entidade nosológica separada – à parte – da esquizofrenia.

Kanner era psiquiatra e publicou um artigo em 1943 intitulado “Os distúrbios autísticos de contato afetivo” (2012), conceituando o autismo como um distúrbio do contato afetivo e não mais como um sintoma. Um dos traços principais destacados por ele, segundo Maleval (2012), seria a inaptidão das crianças para se relacionarem com outros e com seu entorno, assim como de reagir às situações de maneira esperada. Além disso, o autismo de Kanner se caracterizaria como uma síndrome formada por dois sintomas principais: a solidão e a imutabilidade, que constituiriam os dois critérios diagnósticos essenciais do autismo infantil precoce. O autor destaca, ainda, que esses dois elementos seriam formas de tentar preservar a ordem em seu entorno.

A imutabilidade é um conceito que Bleuler não conhecia e foi introduzido por Kanner (2012) para nomear o fato de que o autista deseja viver em um mundo estático, sem mudanças. Para Kanner (2012), essa seria a maior característica da síndrome (de Kanner) que, associada à solidão, formariam os principais modos de proteção à angústia. No entanto, mesmo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), mais precisamente o DSM-III, tendo utilizado as postulações de Kanner como referência para sua elaboração, segundo Maleval (2015, p. 7), a “imutabilidade está fortemente apagada no DSM”. Hoje em dia, mais do que nunca, o DSM continua sendo muito divulgado e utilizado. Além disso, mantém a exclusão dessa descoberta de Kanner e de uma das suas maiores contribuições quanto ao autismo.

Ainda em se tratando de Kanner, considera que a relação da criança autista com as outras ocorreria de modo bastante singular. Assim, Maleval (2017) afirma que o autista não lançaria

sobre elas (outras crianças) nenhum olhar de interesse e, quando conseguem estabelecer algum tipo de relação, estas se configurariam como fragmentárias. Além disso, em geral, parecem não ter reação ao desaparecimento/aparecimento dos pais, ignorando-os. Já quanto ao mundo exterior, este estaria “fixado pela criança numa permanência imóvel – em que tudo deve estar no mesmo lugar, em que as mesmas ações devem decorrer na mesma ordem que aquela com a qual a criança se deparou da primeira vez” (MALEVAL, 2017, p. 46).

Além disso, Lefort e Lefort (2017) destacam que Kanner, no artigo de 1943 e no acompanhamento dos casos em 1971,

nota inicialmente que os pais desses infantis ‘se referem a eles como tendo sido sempre autossuficientes’, ‘como dentro de uma concha’, ‘agindo como se ninguém estivesse lá’, e isso desde o início de sua vida, o que faz uma diferença essencial com a esquizofrenia infantil, que tem lugar após uma relação inicial com o meio e o mundo exterior (LEFORT; LEFORT, 2017, p. 41-42).

No que diz respeito a Asperger, embora contemporâneo à Kanner, um não conhecia o trabalho do outro. Sendo assim, suas teorias foram elaboradas de modo independente, mas com muitas aproximações. Apesar das similitudes com Kanner, Asperger e a síndrome que leva seu nome trazem como características mais determinantes e que distinguiriam o autismo da esquizofrenia: a psicopatia e a restrição das relações do autista com seu entorno familiar (MALEVAL, 2012). Por conseguinte, o isolamento poderia ser considerado um elemento em comum e fundamental do autismo nas duas concepções, sendo esse o vetor principal para a dificuldade no contato social desde muito cedo na vida da criança.

Portanto, essa síndrome se caracteriza por um contato perturbado, mas ainda assim superficialmente possível, em crianças “inteligentes que não aceitam nada dos outros e que se consagram naturalmente a atividades estereotipadas” (MALEVAL, 2017, p. 46). De modo resumido, é como se a criança se comportasse como se estivesse sozinha no mundo, mas sem deixar de perceber e se inteirar do que está se passando em seu entorno. Assim, observa-se que, para Kanner, o traço dominante seria a vontade de solidão e, para Asperger, seria a restrição da relação com seu entorno. Diante desses dois elementos, é perceptível que, para ambos, o diagnóstico estaria pautado nesses traços observáveis, nos comportamentos e nos fenômenos que caracterizariam e fundamentariam o diagnóstico.

Mas é justamente nesse ponto que Maleval (2015) destaca que um diagnóstico do autismo baseado em critérios comportamentais “se mostra muito difícil nas crianças pequenas, uma vez que o repertório de comportamentos é limitado. De qualquer forma, observações de uma aparente passagem do autismo à esquizofrenia permanecem incomuns” (MALEVAL, 2015, p. 11). Inclusive, essa afirmação pode ser corroborada pelos próprios estudos clínicos de

Asperger, pois ele observou durante 10 anos uma média de 200 casos de crianças que apresentavam sintomas autísticos e afirmou que os sintomas descritos não demonstraram nada de evolutivos, permanecendo estáveis durante esse tempo (MALEVAL, 2015). Além disso, essa observação e consideração pode ser corroborada por dois estudos mais recentes, que em um deles foi observado apenas “uma criança, entre cento e sessenta e três autistas, evoluindo para a esquizofrenia; outro, um estudo longitudinal por vinte e dois anos de vinte e oito autistas, não relata nenhuma evolução na direção da psicose” (MALEVAL, 2012, p. 12).

No tocante a essa questão, Maleval (2015) afirma que o autismo não evoluiria para uma psicose, mas para o próprio autismo, ao alegar que o principal motivo para essa asserção, seria a partir da observação de sujeitos autistas que possuem um quadro típico de autismo de Kanner, na primeira infância, e que evoluem, progridem, durante a fase da adolescência, para apresentar características da síndrome de Asperger. Sendo assim, isso justificaria que se há uma evolução, seria da síndrome de Kanner à síndrome de Asperger, mas não do autismo para uma psicose (MALEVAL, 2015).

Após algum tempo, surgiram outros autores com novas pesquisas a respeito do autismo e do seu diagnóstico, os quais começaram a pesquisar não somente a partir desses traços observáveis. São eles: Lefort, Bettelheim, Laurent, Maleval, Ruiz, Tendlarz, dentre outros. Aos poucos, esses autores começaram a identificar especificidades que poderiam configurar uma estrutura autística (MALEVAL, 2015). Sobre o diagnóstico em psicanálise de orientação lacaniana, salienta-se que esta considera que os fenômenos estão

condicionados pela estrutura que os antecede e determina, ou seja, se ordenam a partir do campo significativo. O diagnóstico em psicanálise é estrutural e não fenomenológico. Por diagnóstico estrutural podemos entender um diagnóstico que se dá sob transferência, em que os fenômenos são efeitos da realidade psíquica, da relação ao Outro, ou seja, de um modo de incidência na linguagem (PAVONE; RAFAELI, 2011, p. 36-37).

Há, ainda, um outro fator que deve ser considerado, segundo Maleval (2015, p. 10-11): “o diagnóstico do autismo é difícil de definir, pois os critérios comportamentais que o estabelecem mudam frequentemente”. Logo, um diagnóstico de autismo baseado somente em critérios comportamentais é difícil nas crianças pequenas, já que “o repertório de comportamentos é limitado” (MALEVAL, 2015, p. 11). Portanto, investigar ou pesquisar o diagnóstico diferencial do autismo em relação à psicose pela via dos comportamentos pode se tornar uma tarefa problemática, pois até a não observação da presença de delírios no autismo pode não configurar uma justificativa irrevogável, visto que não há uma maneira definitiva de precisar o que é um delírio.

Saindo um pouco da seara da problemática do diagnóstico do autismo para a psicanálise e caminhando rumo ao panorama atual do autismo, o que se sobressai é justamente a tão falada “epidemia diagnóstica” apontada nas pesquisas. Silva e Mulick (2009) destacam que vem ocorrendo um aumento da incidência do autismo nas últimas décadas, estimando uma média de 40 a 60 casos a cada 1000 nascimentos. Além desses dados, no quinto Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014), houve a alteração da nomenclatura utilizada, substituindo o autismo por uma lógica espectral ao nomeá-lo como Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse Manual, é apresentado que as frequências relatadas de TEA nos Estados Unidos e em outros países alcançam 1% da população (APA, 2014).

Além dessas pesquisas, o parâmetro mais utilizado atualmente é o do *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), que descreve uma prevalência de uma criança a cada 68 com TEA, configurando assim aproximadamente 1,47% da população (ROCHA *et al.*, 2019). No Brasil, apesar da carência de dados, houve um estudo descrito por Portelese *et al.* (2017) nas regiões metropolitanas de Goiânia, Fortaleza, Belo Horizonte e Manaus com uma amostra de 1.715 estudantes, incluindo crianças e adolescentes, que tinham entre 6 e 16 anos, sendo constatado uma prevalência de 1% de TEA. Nesse sentido, Rocha *et al.* (2019) mencionam um estudo piloto que visava aferir a prevalência de TEA aqui no Brasil. Esse estudo foi realizado no interior do estado de São Paulo, em Atibaia, a partir de uma amostra de 1.470 crianças, entre 7 e 12 anos de idade. Nesse estudo, os resultados obtidos foram de 0,3% de prevalência de TEA.

Diante dessas informações, nota-se que, dentre as pesquisas aqui mencionadas, não há um consenso quanto à incidência, o que é possível identificar é que todas relatam um aumento e presença considerável. Assim, muitos estudos discutem o diagnóstico precoce, assim como sua possível etiologia, principalmente sobre qual seria o componente genético determinante. A esse respeito, de acordo com Ansermet e Giacobino (2013), busca-se a decodificação do componente genético como definitivo para o diagnóstico do autismo (o que até o momento não foi encontrado de modo conclusivo), deixando de lado e colocando em dúvida, inclusive, a ideia de uma causalidade psíquica. Ansermet (2003, p. 81) reitera que “falta um elo na etiologia ou na patogenia do autismo”.

Há de se considerar ainda, como aponta Aflalo (2014) em seu livro “Autismo: novos espectros, novos mercados”, que o autismo, em certa medida, vem se tornando mais um produto da indústria farmacêutica, principalmente por ser um transtorno muito diagnosticado e tratado na infância que, segundo ela, “se tornou refém permanente da indústria farmacêutica”

(AFLALO, 2014, p. 48). Nesse livro, a autora defende que essa epidemia de autismo também se relaciona à constante expansão dos critérios diagnósticos presentes no DSM e possui uma influência dos propósitos da indústria farmacêutica. Indústria essa que viu no autismo um novo transtorno que tem como característica uma lógica espectral e, diante disso, não tem um único medicamento indicado, mas geralmente são prescritas combinações de mais de um medicamento. Dentro da lógica dessa indústria, as terapias pela palavra – como a psicanálise – não são consideradas rentáveis e nem convergem para seus interesses. Há, portanto, pouco interesse pela etiologia e pela causalidade psíquica, mas muito interesse pela sintomatologia observável e pelo tratamento medicamentoso.

Maleval (2017) afirma que a origem do autismo permanece até hoje desconhecida. Mesmo que várias anomalias tenham sido descobertas, nenhum gene importante foi diagnosticado de modo decisivo, evidenciando ainda, que há uma heterogeneidade de resultados obtidos ao longo das pesquisas, sugerindo, portanto, “uma grande variabilidade genética dessa síndrome” (MALEVAL, 2017, p. 22). Logo, continua a busca por esse componente genético, só que agora se volta a encontrar interações entre os genes, mas sem grande sucesso.

Atualmente, há ainda uma nova dimensão de pesquisa que diz respeito aos estudos epigenéticos, os quais acabam por estimular a consideração de fatores do entorno. Inclusive, um estudo mais recente da Universidade da Califórnia com gêmeos monozigóticos e dizigóticos “dos quais pelo menos um é autista, alterou os dados anteriores, calculando que a influência dos genes seria de apenas 38% na etiologia do autismo, quando as cifras mais comuns eram de 90%” (MALEVAL, 2015, p. 2). Isso evidencia uma certa perturbação e controvérsia nos dados, que são os elementos sempre apreciados nessas pesquisas sobre a causalidade associada à genética. Portanto, com essa breve introdução ao tema, é possível observar que a etiologia do autismo continua configurando um impasse com mais perguntas do que respostas.

Nesse sentido, Laurent (2014) destaca que a psicanálise, em termos de sua aplicação no autismo, não depende dessas hipóteses etiológicas – apesar de não as evitar – isto é, não depende disso para a exposição de suas próprias proposições acerca do autismo. Assim, Ferreira e Vorcaro (2017) pontuam que Kanner, em 1943, já afirmava que o autista demonstrava a inutilidade de manter essa distinção entre orgânico e psíquico. Logo, não faz sentido ainda hoje permanecer buscando uma etiologia unívoca, a partir de uma certa dicotomia entre orgânico e psíquico. Sabe-se, portanto, que sua etiologia é variada e, diante dessa variedade, alguns autores passam a utilizar o termo autismos, no plural (FERREIRA; VORCARO, 2017).

Por conseguinte, essa pluralização segue a mesma flexão que Lacan fez no campo das psicoses, justamente para caracterizar suas diferentes formas. Diante disso, as autoras ainda complementam que

para nós, psicanalistas, longe de ser vítima de seus genes, de seu cérebro, o autista é um sujeito em permanente e vigoroso trabalho. Um dos mais intensos dos autistas é o de uma tomada de posição frente ao Outro. As iniciativas do Outro, das quais toda criança depende para sua sobrevivência, são constituídas não como dom e apelo, mas como intrusão (FERREIRA; VORCARO, 2017, p. 71).

Assim, é justamente sobre o modo singular de relação do autista com o Outro que o próximo capítulo se dedicará.

Antes, salienta-se que dentro da seara das investigações e pesquisas que abordam o autismo, a presente pesquisa concorda e considera o autismo a partir do modo como é pensado o diagnóstico em psicanálise. Em termos da etiologia e diante de sua ética, mantém a “consideração de um distúrbio estrutural da constituição do sujeito como base etiológica do autismo” (PIMENTA, 2003, p. 13). Vale ressaltar, ainda, que a psicanálise não busca se situar em uma lógica da etiologia, mas “na lógica da resposta que o sujeito dará diante do problema apresentado por seu organismo” (ANSERMET, 2003, p. 82-83). Em relação ao diagnóstico, a psicanálise considera os dados fenomenológicos, mas não se restringe a eles, repousando sua hipótese diagnóstica sobre o “estabelecimento da posição do sujeito autista diante do Outro e do objeto – conceitos psicanalíticos que condensam o que se tem como sendo o diagnóstico estrutural em psicanálise” (PIMENTA, 2003, p. 14-15).

Por fim, considera-se que, para a psicanálise, de modo divergente do saber médico, a questão diagnóstica aponta “para o encontro com o real e, conseqüentemente, para modos de respostas aos significantes que faltam ao Outro e não para a doença” (SOUZA *et al.*, 2012, p. 102). Assim, os recursos diagnósticos focaram principalmente na relação que o sujeito estabelece com o Outro e o gozo que daí advém. Dessa forma, interessa “a maneira pela qual o sujeito responde à entrada do Outro na relação de continuidade da primeira infância, do bebê com o mundo, que vem sempre ‘perturbar’ essa relação homeostática” (SOUZA *et al.*, 2012, p. 102-103). É sobre essa relação com o Outro que iniciaremos a discussão.

3.1 A relação com o Outro: impasses na alienação

Para abordar a relação com o Outro no autismo, é importante demonstrar do que se trata a operação de alienação e de separação. A operação de alienação, apesar de ter sido mencionada por Lacan em outros trabalhos, é definida de modo mais consistente em “O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (LACAN, 1964/2008), o qual traz também a introdução da operação da separação. Nesse Seminário, Lacan aborda essas duas operações como fundamentais para pensar a constituição do sujeito.

Segundo Lacan (1964/2008, p. 207), “o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito para um outro significante”. Ou seja, é no campo do Outro (lugar da fala, dos significantes, da linguagem) que o sujeito se constitui. Na alienação, o sujeito nasce “subordinado ao efeito do significante devido à ação retroativa da cadeia falada pelo Outro materno na produção do seu sentido” (POZZATO; VORCARO, 2014, p. 140). No primeiro tempo, Silva (2018, p. 23) afirma que

quando o Outro endereça significantes ao sujeito, equivale ao momento de alienação elementar do sujeito à linguagem, ao primeiro significante. Pode-se dizer que, nessa situação, o sujeito já está inserido na linguagem mesmo que ainda não articule um discurso –, pois, para isso, é preciso um deslizamento na cadeia do significante, que só será possível com o advento do S2.

Para melhor ilustrar a escolha que todo sujeito é requisitado a fazer na operação da alienação, Lacan (1964/2008) utiliza de um exemplo metafórico “a bolsa ou a vida”. Esse exemplo diz respeito a um assalto, em que o sujeito acaba por ser impelido, de modo forçado, a fazer uma escolha entre a bolsa ou a própria vida. Observa-se que essa escolha implicará de qualquer modo em uma perda para o sujeito, pois se ele escolher a vida, perderá a bolsa. Se escolher a bolsa, perderá a vida e, consequentemente, a bolsa. Logo, em qualquer uma dessas escolhas “há por consequência nem um, nem outro. A escolha aí é apenas a de saber se a gente pretende guardar uma das partes, a outra desaparecendo em cada caso” (LACAN, 1964/2008, p. 206). De modo resumido, Lacan (2008) afirma ainda que o Outro “é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (LACAN, 1964/2008, p. 200).

No texto “Posição do inconsciente” (LACAN, 1960-1964/1998) – contido nos Escritos –, Lacan explicita sua concepção da conjunção entre o sujeito e o Outro, localizando o inconsciente nesses cortes – hesitações, suspensões, repetições etc. da cadeia significante, em contraposição à intencionalidade do falante e que, assim como afirma Pozzato e Vorcaro

(2014), podem ser capazes de produzir significados *a posteriori*. A partir da alienação, são esses cortes que comandarão a orientação do sujeito rumo à operação de separação. Lacan (1998b) ressalta, ainda, o caráter circular e sem reciprocidade na relação do sujeito com o Outro, demonstrando que o sujeito sempre será efeito do significante, por se produzir no campo do Outro. Sendo assim, “ao produzir-se no campo do Outro, o significante permite advir o sujeito de sua significação, que só funciona como significante reduzindo o sujeito ao próprio significante” (POZZATO; VORCARO, 2014, p. 141).

Por conseguinte, Silva (2018) afirma que, a partir do exemplo “a bolsa ou a vida”, Lacan visa demonstrar que o que está em jogo é uma escolha forçada entre o ser (que se situa no campo do Sujeito) e o sentido (que está situado no campo do Outro), visto não ser possível escolher um sem ter que abdicar do outro, ou seja, em qualquer uma dessas escolhas sempre haverá uma perda. Ademais, o autor coloca que

Se o sujeito escolher o ser, perde o sentido, uma vez que só é possível obter o sentido na relação com o Outro, já que é no campo do Outro que há o advento do S2 (significante que vem significar o S1) (...). Desse modo, ao escolher o ser, o sujeito escolhe não se alienar ao Outro enquanto desejo, petrificando-se no significante unário. Por outro lado, se o sujeito aceita se alienar ao Outro, perde o ser. Isso porque, como consequência de escolher o sentido, o sujeito torna-se uma falta a ser, pois essa assujeição ao Outro implica ao sujeito a perda do ser – da consciência de si (SILVA, 2018, p. 26-27).

Toda a extensão da relação do sujeito com o Outro é, como afirma Pozzato e Vorcaro (2014), marcada por faltas, cortes, hiências na linguagem que só podem ser entendidas por meio da dimensão inconsciente.

Dessarte, Silva e Calzavara (2016) afirmam que, nesse momento, ocorre uma primeira fala que representa que o sujeito não pode ser representado inteiramente pelo Outro, sempre havendo um resto. É justamente a introdução dessa primeira falta que designa o sujeito como marcado por uma barra, ou seja, dividido. Portanto, a partir da alienação, esses cortes ordenarão a orientação do sujeito em direção à operação de separação. Então, se na alienação o sujeito nota a falta no Outro e busca ocupar o lugar de objeto de desejo do Outro, na separação o que existe é uma tentativa do sujeito de se afastar, se apartar (SILVA, 2018). A separação “só é possível devido às vacilações do discurso do Outro. É nas faltas, nas entrelinhas do discurso, que o sujeito vai perceber que há algo desse desejo do Outro que escapa, que não é possível saná-lo” (SILVA, 2018, p. 2018).

Portanto, de acordo com Lacan (2018), ao notar que o desejo do Outro tem algo que escapa, que está além, o sujeito então assume uma posição de separação. Essa posição implica ao sujeito, desse modo, buscar uma nova posição ao tentar se afastar do lugar de objeto de

desejo do Outro e, assim, tentar alçar a posição de sujeito desejante, que acarreta, conseqüentemente, na queda do objeto *a* causa de desejo.

No que diz respeito ao autismo e ao seu modo particular de relação com o Outro, pode-se considerar que é justamente nessa operação de alienação que residiria uma distinção a ser levada em conta. Para Maleval (2012), o autista não se situa aquém da alienação, pois é afetado pela negatividade da linguagem. O sujeito autista está na alienação, mas essa “alienação significativa não é assumida pelo sujeito” (MALEVAL, 2015, p. 21), o que leva Maleval (2012) a afirmar o autista parece estar inserido em uma alienação parcial e, diante de sua impossibilidade de alienar-se por completo à linguagem, o autista cria estratégias que sejam capazes de contorná-la. Assim, ele está na alienação, mas a recusa. Sendo assim, a alienação significativa não é assumida pelo autista, ou seja, “não há *aphanisis* do sujeito; a linguagem faz, em contrapartida, eco em seu corpo. Nesse sentido, Jacques-Alan Miller sugere utilizar o termo *parlêtre* (falasser) para designar o autista” (MALEVAL, 2015, p. 21, grifos do autor).

Nessa perspectiva, Pozzato e Vorcaro (2014) salientam que é possível observar que ora o autista está incluído na alienação significativa, ora não está. Dessa forma, diante dessa impossibilidade de uma alienação completa, total à linguagem, ele cria estratégias para contorná-la. Dentre as estratégias, estaria a “preservação da voz centrífuga, situação na qual preferiria ouvir seus próprios ruídos àqueles do Outro” (POZZATO; VORCARO, 2014, p. 144).

Ao fazerem um paralelo com a psicose, Silva e Calzavara (2016, p. 92) afirmam que, diferentemente do autismo, na psicose “o sujeito não se aliena apenas ao Outro da linguagem, mas também ao Outro como desejo”. Ou seja, os sujeitos psicóticos (e os neuróticos), além da alienação ao S1, conseguem se alienar ao Outro enquanto desejo. No entanto, o neurótico consegue, posteriormente, realizar um trabalho de separação da posição que estava ocupando – objeto de desejo do Outro – e, portanto, com a queda do objeto *a*, tem a possibilidade de constituir e delinear seu próprio desejo. Já o psicótico continua fixado, colado a essa posição de objeto.

No que diz respeito ao autista, Maleval (2012) afirma que ele resiste à alienação ao Outro, o que pode ser visualizado por meio da retenção de sua voz, deixando claro que não se trata de uma falha na cognição, mas de uma escolha, de fato, do sujeito em busca de proteger-se da angústia. Assim, Pozzato e Vorcaro (2014) afirmam que, diferentemente dos autismos, em que mesmo a criança sofrendo os efeitos da linguagem ela não se aliena completamente, a

psicose, de modo divergente, até permitiria localizar a operação de alienação, mas nesse caso a criança permaneceria nessa posição, sem dela se diferenciar pela operação da separação.

Pozzato e Vorcaro (2014) apresentam, ainda, a argumentação de Soler (2007) sobre psicóticos e autistas, pois para essa autora, os psicóticos e autistas estão inseridos sim na linguagem mas, de fato, estão fora do discurso. Sendo que o autista

se encontra aquém da alienação, recusando-se a entrar nela e detendo-se na borda. Isso faz com que o autista seja um sujeito, mas não um enunciador. Sua relação com o Outro se restringe a poucas demandas estereotipadas e repetitivas, evitando a dialética da fala. Ou seja, não há enunciação (POZZATO; VORCARO, 2014, p. 147).

Quando o autista emprega sua voz enunciativa, segundo Pozzato e Vorcaro (2014), é em momentos de contrariedade ou de urgência, e o autista não vê outra saída, o que o leva a abandonar a “sua recusa de apelar Outro e de empregar a voz na fala” (POZZATO E VORCARO, 2014, p. 148). Ainda sobre esse ponto, Maleval (2015) destaca, como já mencionado acima, que esses fenômenos indicam que a busca por se proteger da angústia está no alicerce da lógica do funcionamento autístico e do seu modo de habitar o mundo, bem como está intimamente relacionado às suas invenções singulares. Desse modo, fica claro que há, em cada uma dessas categorias (autismo, psicose, neurose), um modo de relação com o Outro e, em todas as três, há especificidades que os distinguem entre si. Sendo que a relação do autista com o Outro pode ser resumida como possuindo um impasse na alienação, enquanto o psicótico teria um impasse na separação.

Assim, essa relação estaria desde o princípio marcada pela tentativa do autista de se defender desse Outro, tanto que, segundo Pimenta (2018, p. 119), “a criança autista se protege do Outro anulando-o: não atender seu chamado ou não olhar para ele são modos bem reconhecidos pelos clínicos e familiares de a criança se portar”. Ademais, Ferreira e Vorcaro (2017) ressaltam que as iniciativas do Outro, que de modo geral podem ser concebidas como dom e apelo, são recebidas de maneira distinta no autismo: como intrusão. Inclusive, “o retraimento, a ‘extrema solidão autística’ de que fala Kanner (...) que é expressa, por vezes, na recusa em receber o alimento, as palavras, o olhar e a voz, nos indica o Outro invasivo e maciço com o qual o sujeito tem de lidar” (FERREIRA; VORCARO, 2017, p. 71). Isto posto, Pimenta (2018) sintetiza que “para a psicanálise, a criança autista, portanto, não sofre de um déficit perceptivo ou de uma falha cognitiva, mas de um excesso – excesso de presença do Outro, a qual tem que anular” (PIMENTA, 2018, p. 118).

De maneira mais resolutiva, os Lefort (2017), em seu livro “A distinção do autismo”, argumentam que, a partir do caso de Marie-Françoise atendido por Rosine, compreendeu-se que não há Outro na estrutura autística (esses autores defendem que a radicalidade da

especificidade do autismo justifica a sua consideração enquanto uma estrutura à parte). Defende-se, nesse livro, a proposição de que o que ocorre no autismo é “a incidência do Um sobre o sujeito autista, para quem não há Outro” (LEFORT; LEFORT, 2017, p. 10). Porém, essa dissertação não visa se debruçar ou se servir de modo prioritário dessa proposição, mas demonstrar a diversidade de leituras acerca desse Outro para o autismo, salientando que, quanto a essa questão, nos amparamos nas proposições de Maleval (2015; 2017) e Pimenta (2018).

No que diz respeito ao objeto *a*, parece que há uma certa convergência entre a psicose e o autismo, pois em ambos os casos, por não haver a separação, há impossibilidade de queda do objeto *a*. Mas apesar de haver essa certa convergência, Maleval (2015) demarca uma diferença ao dizer que a relação com o objeto é diferente no autismo e na psicose. No caso da psicose, esse objeto tende a se presentificar em alucinações, trazendo angústia. Já no caso do autismo, ele tenta ao máximo e se esforça para manter o objeto sob seu domínio, sendo que esse objeto pulsional não se apresenta como angustiante para ele. Ou seja, se falamos que o psicótico carrega o objeto *a* no bolso (LACAN, 1964/2008), o autista parece estar colado a ele. Sendo assim, de acordo com Maleval (2015, p. 18):

o autista não deixa de manter um domínio sobre o objeto, seja por sua retenção, seja pela construção de uma borda, enquanto o psicótico se esforça para compor com um objeto não dominado que se impõe do exterior. No que concerne ao autista, o objeto pulsional não lhe é inquietante, desde que o conserve sob seu domínio.

Logo, nota-se que tanto para o autista quanto para o psicótico não há a queda do objeto *a*, mas os motivos pelos quais isso não ocorre são distintos e apontam, justamente, para sua relação com o objeto. De modo mais específico, diante do intento da presente pesquisa, interessa saber que, no autismo, há um esforço contínuo de manter o domínio sobre o objeto, como mais uma forma de se proteger da angústia e, por isso, o autista parece estar colado a esse objeto. Portanto, é possível afirmar que a relação do autista com o Outro possui um impasse na alienação, assim como há impossibilidade de queda do objeto *a*. De modo resumido: é um “sujeito que não conta com um Outro barrado, e sim com um Outro em que não se operou a extração do objeto; este permanece opaco, sem sentido, a cuspir significantes que não pedem nenhum complemento” (STIGLITZ, 2008, p. 43).

Diante disso, surge a seguinte questão: quais seriam as consequências dessa alienação parcial para a relação do autista com a linguagem? Na mesma direção dessa pergunta, Maleval (2020, p. 9), em seu texto “Sobre a alienação retida no autista”, inicia questionando se “o autista teria parado no limiar da linguagem?” e traz algumas possibilidades de resposta. São esses questionamentos que nortearão o próximo item desse capítulo.

3.2 Relação com a linguagem: “sobretudo verborrágicos”

O questionamento anterior nos permite resgatar uma célebre citação de Sartre, em que afirma que “o próprio silêncio se define em relação às palavras, assim como a pausa, em música, ganha o seu sentido a partir dos grupos de notas que a circundam. Esse silêncio é um momento da linguagem; calar-se não é ficar mudo, é recusar-se a falar – logo, ainda é falar” (SARTRE, 2004, p. 22). Calar-se é recusar-se a falar: isso diz muito sobre o autista, que manifesta uma relação singular com a linguagem, muitas vezes a partir dessa recusa em falar e que não deve ser confundida com uma inabilidade.

Abordar a linguagem se justifica, em especial, porque não há como se falar do Outro sem falar da linguagem. Lacan (1998b), nos “Escritos” – mais especificamente no texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade” –, afirma que a linguagem se opera em função da transformação, da mutação do grito em apelo. Sendo que, para que essa mutação possa ocorrer e para que esse sujeito possa se tornar invocante, faz-se necessário uma cessão do objeto voz. Desse modo, é necessário que o sujeito aceite fazer ressoar seu grito no vazio desse Outro e, a partir disso, encontrar “as marcas de resposta que tiveram o poder de fazer de seu grito um apelo” (LACAN, 1998b, p. 686).

Maleval (2020), ao analisar esse texto, sintetiza dizendo que, dessa maneira, então, isso assinala que

para o infans, a entrada na linguagem se faz destacando, entre os significantes propostos como respostas a seu grito, aquele que se torna um S1 apropriado a convertê-lo em apelo. Desse modo, se o significante da resposta do Outro deve ser previamente ouvido para que o grito se apague sob um S1 de apelo, então, desde a lalação a alienação ao discurso do Outro deveria ser perceptível (MALEVAL, 2020, p. 10).

Ademais, a lalação também pode ser denominada de balbucio e descreve a fase que gira em torno dos 6 meses (em que ocorrem as primeiras vocalizações) até a fase do surgimento das primeiras palavras. A partir de Maleval (2020) pode-se considerá-la uma moldura para a fala que se desenvolverá, “uma protolinguagem, que determina a entrada na linguagem” (MALEVAL, 2020, p. 10).

No texto “Conferência de Genebra sobre o sintoma”, Lacan (1998a) aproxima a lalação da lalíngua, justificando ter escolhido esse nome porque queria que fosse próximo da lalação. Segundo Maleval (2020), lalíngua constituiria, justamente, aquilo pelo qual se operaria a incorporação significativa, lalíngua essa “pura bateria significativa, sem gramática, constituída de S1, fundada nas homofonias infantis, enraizada no balbuciar” (MALEVAL, 2020, p. 11). No autismo, há um grande impasse acerca do impacto da lalíngua sobre o autista, embate esse que

traz em seu bojo uma complexidade e pluralidade teórica que só serão exploradas nesse trabalho no que se relaciona à finalidade dessa pesquisa. Lefort e Lefort (2017) argumentam que a língua, no autismo, seria constituída apenas de S1 não incorporados, ou seja, não haveria mutação do real em significante. Já outros psicanalistas, segundo Maleval (2020), ao se fundamentarem em Laurent (2014), afirmam que “as vocalizações involuntárias e a língua verbosa atestariam a imersão do autista em lalíngua” (MALEVAL, 2020, p. 11).

Lacan (2007), em “O seminário, livro 23: o sinthoma”, afirma que a linguagem desnaturaliza e é uma parasita. Nesse contexto, o autista sofreria os efeitos parasitários da linguagem? Maleval (2012; 2020), Laurent (2014), Pimenta (2018) argumentam, cada um à sua maneira, que sim. Maleval (2012), tomando as inúmeras autobiografias publicadas por autistas, diz que elas atestam “que esses sujeitos não são exilados da linguagem e revelam as mais diversas e complexas maneiras de lidar com ela” (MALEVAL, 2012, p. 45). Assim, é possível concluir que o autista não é um sujeito fora da linguagem, podendo a linguagem estar interrompida “no nível da fala e das interações ou pode se resumir a uma ‘lalíngua’. Em todos os casos ela não deixa de impor a sua presença parasitária ao vivente” (MALEVAL, 2020, p. 15).

Sendo assim, a particularidade da relação do autista com a linguagem se daria justamente pelo autista receber os significantes do Outro de maneira passiva e não de maneira interativa, por conta da não mutação do grito em apelo. Se são recebidos de maneira passiva, então eles não se articulam com outros significantes para produzir um sentido. Logo, a lalíngua autística tem sua especificidade no fato de que dela não surgem significantes-mestre (MALEVAL, 2020). Portanto,

no primeiro plano da clínica do autismo infantil, pelo intermédio da língua verbosa e das vocalizações involuntárias, vem uma lalíngua que não se apaga, por não se articular ao discurso do Outro. Ela constitui-se de S1 sozinhos, justapostos. Eles não estão a serviço da comunicação, mas de satisfações solitárias” (MALEVAL, 2020, p. 16).

Por esse motivo, Maleval (2020) conclui que o autista é sensível ao impacto de lalíngua, mas não no sentido de Lacan, visto que isso implicaria necessariamente em uma articulação entre S1-S2 e, no intervalo, a queda do objeto *a*. Isso justificaria a elaboração de que, de fato, no autismo a alienação é retida, ou seja, não resulta na operação da separação.

Por essa via, o mutismo é muito presente na clínica do autismo e, em muitos casos, isso foi associado a uma incapacidade de fala. No entanto, os autistas, principalmente através da escrita autobiográfica, têm demonstrado que o problema na comunicação não diz respeito a não saber falar, mas a uma dificuldade na comunicação que é atravessada pelos impasses da sua

relação com o Outro e com seu uso original da língua. Lacan (1998a) já havia assinalado algo a esse respeito ao responder uma pergunta na década de 70 e afirmar sobre o autista: “o senhor não pode dizer que não fala. Que o senhor tenha dificuldade para escutá-lo, para dar seu alcance ao que dizem, não impede que se trate, finalmente, de personagens verbosos” (LACAN, 1998a, n.p.).

Lacan (1976, p. 46) afirma ainda que “há pessoas para quem dizer algumas palavras não é tão fácil. Chama-se isso de autismo (...) São meramente para quem o peso das palavras é muito sério, e que não estão facilmente dispostas a ficar numa boa com essas palavras”. Nota-se, dessa maneira, que na maioria das vezes em que Lacan sublinha algo sobre o autismo, ele destaca especificidades quanto à linguagem, demarcando a importância desse aspecto para se pensar o autismo. Assim, segundo Miller (2013, p.1), Lacan “deu um lugar específico à voz na psicanálise” e, levando isso em consideração, Maleval (2017) se debruça em uma análise detalhada da voz em sua especificidade no autismo, principalmente tomando como matéria-prima os escritos autobiográficos. Observa-se que o fato, por exemplo, de muitas crianças autistas estarem no mutismo tem a ver com a carência enunciativa, visto que, uma das únicas constantes no autismo, em seus diversos níveis, “é a dificuldade do sujeito em tomar uma posição de enunciador. Ele fala sem problemas, contanto que não diga” (MALEVAL, 2017, p. 90).

Esse trabalho de Maleval (2017, p. 90-91) “incide na voz do sujeito autista enquanto algo que constitui um objeto de gozo” e que Lacan já havia colocado enquanto decisiva para o funcionamento pulsional, que possui três objetos: oral, anal, escópico. Sendo que é a voz quem comanda o investimento da linguagem, que é esse aparelho de gozo que estrutura para o infans o mundo das sensações e das imagens (MALEVAL, 2017). A voz, nesse contexto, enquanto um objeto pulsional, não tem a ver com sua sonoridade, mas é aquilo “que carrega a presença de um sujeito em seu dizer. É uma constante capital do funcionamento autístico proteger-se de toda e qualquer emergência angustiante do objeto voz. Da sua própria, pela verborreia ou pelo mutismo; da do Outro, pela evitação da interlocução” (MALEVAL, 2017, p. 91).

Assim, nota-se que, a fim de se proteger da angústia, o mutismo ou as falas por ecolalia² são estratégias que se assentam em uma escolha do sujeito e não em um déficit. Quando é necessário que o autista se comunique, ele busca tanto quanto possível que isso ocorra de forma a não colocar em jogo nem sua presença, nem seu gozo vocal ou seus afetos. A verborreia, portanto, aparece como meio de usar a fala, mas com a voz apagada, sem colocá-la no lugar do

² Repetição involuntária de frases ou palavras (ECOLALIA, 2022).

Outro e, assim, sem dividir o sujeito e com o autista permanecendo com controle sobre ela (MALEVAL, 2017).

Como mencionado acima, quando o autista renuncia ao seu silêncio ou usa a voz de uma posição de enunciação, isso acontece às custas de um acúmulo de angústia e, geralmente, em situações críticas. Segundo Maleval (2017), tais situações extrapolam essas estratégias protetoras do sujeito, “fazendo-o abandonar, por um instante, a sua recusa em convocar o Outro e a sua recusa em inscrever a voz na fala” (MALEVAL, 2017, p. 91). Essa particularidade demonstra, inclusive, a intrincada e dependente relação existente entre Outro e linguagem, demonstrando que o autista rejeita toda e qualquer dependência com Outro, resistindo “radicalmente à alienação do seu ser na linguagem” (MALEVAL, 2017, p. 94).

Maleval (2017, p. 95) conclui que “a posição do sujeito autista parece se caracterizar, assim, por não querer abrir mão do gozo vocal. Disso resulta que a incorporação do Outro da linguagem não se opera”. Assim, segundo o autor, isso implica que ocorra uma carência do balbucio e da lalíngua, levando que a entrada dos autistas na linguagem se faça pela assimilação de signos na tentativa de se ordenar no mundo e, conseqüentemente, mantê-lo sob seu domínio para não ficar à mercê do desejo enigmático do Outro. Laurent (2014, p. 23) destaca, ainda, que no autismo “falar não é um ato cognitivo, é um arrancamento real. O grito real-lizado [réelisé] do sujeito autista é um esforço para fazer calar os equívocos infernais da língua, em que uma palavra remete sempre a outra”.

Assim, podemos considerar que, no autismo, acontece uma alienação retida que não resulta na operação da separação. Isso se relaciona ao fato de que o autista se sente ameaçado pelo Outro e, portanto, busca se proteger, anulando-o. Logo, o autista está na linguagem, mas resiste fortemente à alienação do seu ser na linguagem. Diante disso, permanece uma lalíngua que não se apaga, por não se articular ao discurso do Outro, constituindo-se de S1 sozinhos, justapostos e que estão a serviço de satisfações solitárias – e não para a comunicação. Desse modo, a proteção contra a angústia está no alicerce de sua estrutura, assim como a tentativa de não denunciar sua posição de enunciador, ou seja, de sujeito. Isso, inclusive, pode ser visualizado através da verborreia que aparece como meio de usar a fala, mas com a voz apagada, sem colocá-la no lugar do Outro e, assim, sem dividir o sujeito, mantendo o controle sobre ela.

Enfim, não há como pensar em linguagem e Outro sem considerar, diante disso, qual o estatuto da relação com o corpo no autismo. Afinal, falar de um é falar dos demais. Laurent (2014) situa que o silêncio, as vocalizações e as frases repetidas estão correlacionadas à relação singular com o corpo, visto que, no autismo, “falar tem a ver com um acontecimento do corpo:

de seu corpo eles extraem linguagem, à maneira de outros objetos de que não podem se separar” (LAURENT, 2014, p. 23). Diante disso, o próximo capítulo abordará a relação com o corpo no autismo.

4 A PROBLEMÁTICA DO CORPO NO AUTISMO

Não temos nem controle sobre nosso próprio corpo.

Naoki Higashida

É comum a observação, por parte dos pais e profissionais que atuam com os autistas, de que seus corpos apresentam diversas particularidades, inclusive sendo a questão motora – como, por exemplo, os movimentos repetidos com as mãos ou maneios de cabeça – um dos elementos considerados enquanto comportamentos observáveis no autismo. Neste capítulo será traçado um percurso que visa caracterizar a constituição do corpo no autismo, corpo esse que expressa, através de suas perturbações, um excesso de gozo (SILVA, 2019). Considera-se que isso ocorre porque, no autismo, há manifestações desregradas da pulsão por conta da ausência de consistência corporal (PIMENTA, 2012). Destarte, antes é necessário entender de que corpo estamos falando e como se dá sua constituição, visto que ele não é um dado biológico, mas se institui.

4.1 Breves considerações sobre o corpo para a psicanálise

O corpo é um conceito muito importante para a psicanálise desde Freud, alçando um estatuto ainda mais determinante com Lacan que estabeleceu, segundo Silva (2019), a relação do sujeito com o corpo e com a linguagem, possibilitando, assim, que outras elaborações pudessem ser empreendidas. Para pensar o corpo no autismo, faz-se necessário tecer breves considerações sobre o corpo para a psicanálise, a partir de uma incursão em Freud e Lacan.

O corpo na psicanálise não se trata unicamente da matéria orgânica que se apresenta a partir de um funcionamento bioquímico, mas inclui, de modo inarredável, segundo Nicolau e Azevedo (2019), aquilo que se refere à ideia do corpo afetado pelo incorporal da linguagem. Destarte, “podemos dizer, portanto, que o corpo que interessa a psicanálise é um organismo erogeneizado, marcado pela pulsão e pela linguagem, ambas inseparáveis, como numa banda de Moebius” (NICOLAU; AZEVEDO, 2019, n.p).

4.1.1 Constituição do corpo em Freud: do escudo protetor ao corpo narcísico

Nos primórdios da conceituação freudiana sobre o corpo, encontramos sua investigação sobre a relação do organismo com o mundo externo que se inicia em 1895 com o “Projeto para

uma Psicologia Científica” (FREUD, 1865/1996). Freud (1920/1996), no texto “Além do princípio de prazer”, estabelece quais seriam os órgãos do sentido e os define como sendo as partes da camada cortical receptiva situadas na superfície do corpo e que estariam logo abaixo do escudo geral contra estímulos. Ademais, esse escudo protetor contra estímulos pode ser considerado, como aborda Pimenta (2012), o alicerce que sustenta a noção freudiana de corpo e que pode dar indicativos a respeito da relação do autista com seu corpo.

Nessa perspectiva, a noção de escudo foi cunhada por Freud. Em sua perspectiva, os organismos, para sobreviverem, teriam que criar uma barreira externa contra a estimulação intensa e permanente que advém do mundo externo. Assim, essa camada mais superficial do organismo foi se transformando em resistente aos estímulos recebidos para proteger da destruição e manter viva as camadas subsequentes, recebendo, de forma reduzida, as energias do mundo externo. Sendo assim, esse escudo contra estímulos tem uma dupla função: proteger e fazer um balizamento entre o organismo e o mundo externo (FREUD, 1920/1996).

No que se refere às excitações internas, Freud (1920/1996) assinala que, ao ocorrerem, elas acarretam um aumento intenso de desprazer. Assim, são tratadas pelo aparelho mental como sendo externas. Dessa maneira, ao serem tomadas como excitações externas, o escudo protetor contra estímulos acaba sendo ativado como forma de defesa. Dessarte, Pimenta (2012) aponta que esse é um dado importante para a investigação do corpo no autismo. Nesse sentido, define o trauma como um evento psíquico resultante do rompimento da barreira contra estímulos causado por grandes excitações externas que conseguiram atravessar esse escudo protetor. Consequentemente, evidencia que um dano físico causado ao mesmo tempo que um trauma “sujeitaria o excesso de excitação – traumático, por natureza –, ao exigir uma hipercatexia narcisista do órgão prejudicado” (PIMENTA, 2012, p. 68).

Assim, para Freud (1920/1996), o trauma surge a partir dessa invasão, inundação do aparelho mental por essas quantidades de estímulos e, conseqüentemente, do problema gerado pela tentativa de dominar essas quantidades e de vinculá-las em termos psíquicos, além de conseguir, a partir disso, se desvencilhar delas. Ademais, a capacidade de vinculação do aparelho psíquico dependerá da intensidade de catexia presente nele e a vinculação da energia, por sua vez, é concebida por Freud como a mudança de um estado de fluxo livre para um estado quiescente (PIMENTA, 2012).

Diante disso, pode-se considerar, de acordo com Pimenta (2012), que os comportamentos autistas que podem ser considerados déficits sensoriais – não escutar, não olhar, não tocar e não gostar de ser tocado, parecer não sentir dor, se irritar com músicas ou

barulhos que podem nem ser muito intensos, entre outros – seriam distúrbios do funcionamento desse escudo protetor contra estímulos, em termos freudianos. A hipótese seria de que, por alguma razão, “haveria um franqueamento anormal desse escudo à passagem excessiva dos estímulos externos ao aparelho mental, provocando um afluxo intenso de energia livre, portanto não quiescente, em seu interior” (PIMENTA, 2012, p. 69).

Uma segunda hipótese relacionada ao que acontece no autismo é a de que não seria a grande quantidade de estímulos que penetrariam a barreira protetora, mas sim uma maior suscetibilidade do córtex receptivo aos estímulos. Assim, o que ultrapassaria o escudo protetor contra estímulos seria uma quantidade de estimulação considerada normal, mas que é percebida no interior como sendo muito intensa. Assim, ao considerar que o autista normalmente em seu comportamento dito típico busca se defender do Outro, uma hipótese razoável é a de que ele apresenta alguma dificuldade no processo de vinculação da energia e, por isso, recorre a mecanismos de defesa para evitar o fluxo intenso de estímulos dentro do seu aparelho psíquico. Portanto, “estaria, dessa forma, se poupando de uma vivência traumatiza ao tentar ‘hipercatexizar’ seus sistemas receptivos, porém algo nesse processo não funcionaria adequadamente” (PIMENTA, 2012, p. 69-70).

Freud (1920/1996) considera que as energias do aparelho mental podem variar em termos de quantidade e qualidade. Então, segundo Pimenta (2012), poderia ser a qualidade a responsável pela distorção perceptiva causada e, assim, algumas qualidades de estímulos externos poderiam gerar respostas negativas ou positivas nos autistas. Dentro desse contexto, “a agitação mecânica e ritmada do corpo, observada por Freud como fonte de excitação sexual, é o recurso princeps característico dos autistas para uma autoestimulação” (PIMENTA, 2012, p. 70). Portanto, pondera, a partir de Freud, que talvez o que ocorra em termos sensoriais, seja “uma difusão da estimulação mecânica do corpo sem que, no entanto, houvesse uma integração dessas mesmas áreas de estimulação. A possibilidade dessa integração é o que decorre daquilo que se configura como corpo” (PIMENTA, 2012, p. 70).

No entanto, para entender o que Freud viria a conceituar com corpo, é necessário abordar a pulsão. O conceito de pulsão surge de modo mais decisivo na obra freudiana nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1996), mas já havia sido antecipado no “Projeto para uma psicologia científica” (1895), quando ele falava sobre os estímulos endógenos na sexualidade. A teoria das pulsões, segundo Coutinho Jorge (2005, p. 21), “é o resultado da apreensão da ocorrência universal de uma sexualidade que se manifesta sob uma aparência errática e súbdita a uma lógica diferente daquela que rege os instintos animais”. Assim, Silva (2018) afirma que

Freud conceitua a pulsão como o correspondente psíquico das excitações dos estímulos, excitações derivadas do corpo, e assim demarca um limite entre o somático e o psíquico.

Sendo assim, segundo Pimenta (2012), é a pulsão que transforma e constitui um corpo que tem em seu cerne ser um instrumento por meio do qual se obtém prazer. Assim, o corpo pulsional, diferentemente do organismo, é constituído como um objeto de satisfação sexual, ou seja, a pulsão faz com que o corpo se torne seu próprio objeto de satisfação. Diante dessa satisfação no próprio corpo, temos o que Freud chamou de autoerotismo. Dito de outro modo, nesse corpo pulsional, a pulsão é autoerótica e demonstra a relação existente com o somático, em que o organismo é recoberto pela pulsão, que utiliza o próprio organismo para sua satisfação. O corpo, para a psicanálise, é esse corpo pulsional em que a pulsão é autoerótica. Sendo essas pulsões autoeróticas, “se satisfazem parcialmente nas zonas erógenas do corpo” (CALZAVARA; VORCARO, 2018, p. 38).

O autoerotismo estaria relacionado ao campo do sujeito, em oposição ao dos objetos, que seria, para Freud, o campo do “outro humano” (pessoas reais ou representadas). “Sendo que tais representações se dão por meio dos traços mnêmicos ou das impressões deixadas pelo encontro do sujeito com o campo do outro humano” (PIMENTA, 2012, p. 72). Assim, com a progressão do desenvolvimento libidinal é que a satisfação pulsional poderá se dirigir para o campo dos objetos. Por esse ângulo, como primeiro estágio pulsional, temos o momento em que uma parte do corpo da criança é tomada enquanto um objeto, constituindo, assim, a primeira fase do desenvolvimento da libido: a oral. Em seguida, como segundo movimento pulsional, trata-se da tomada da imagem do corpo unificado como objeto no narcisismo. Por fim, o terceiro e último movimento, acarreta a divisão, partição dessa imagem, ao estabelecer a diferença sexual e sua consequente identificação como mulher ou homem (PIMENTA, 2012).

A segunda fase do desenvolvimento da libido é a fase anal. Segundo Freud (1905/1996), na fase anal, o objeto da pulsão – as fezes – ainda é considerado autoerótico, mas já principia algo do controle do corpo e, conseqüentemente, do objeto. Assim, as fezes são usadas como um instrumento de troca e, dessa maneira, a criança pode reter as fezes, demonstrando seu domínio e estimulando a zona erógena, assim permanecendo uma satisfação autoerótica, ou excretar para esse outro. Dessa forma, Freud (1905/1996) coloca a fase anal no primeiro tempo da escolha objetual, sendo esse primeiro tempo o que corresponde, segundo Pimenta (2012), ao segundo movimento pulsional que engloba as fases anal e fálica do desenvolvimento libidinal. A fase fálica se distingue das fases anteriores, justamente

pela efetivação explícita do campo dos objetos, em oposição ao campo do sujeito e do corpo próprio, local da satisfação pulsional autoerótica. Na fase fálica, a criança se

endereça às pessoas de seu convívio, em especial aos pais, tomando-as como seus objetos amados e odiados, aos quais a pulsão se encontra ligada. Esses se configuram como uma nova série de objetos, que não se confunde com a série dos objetos da pulsão (PIMENTA, 2012, p. 74).

Dessa maneira, com o campo dos objetos, a pulsão passa a não dizer respeito somente ao campo do sujeito, deixando, segundo Pimenta (2012, p. 75), de “centrar-se em uma parte do corpo (a zona erógena) e passando a se estabelecer no jogo simbólico entre os corpos, sob o exercício do sadismo e da escopofilia”. Logo, é na fase fálica que há uma substituição do corpo da criança por um objeto externo. Ademais, segundo Dias (2001), subsequentemente, há a unificação dos diversos objetos da pulsão por um objeto único, configurando, assim, a passagem do autoerotismo – do corpo fragmentado, ao relacionar com Lacan – para uma imagem totalizada de si, instituída pelo narcisismo. Dessarte, essa unidade corporal obtida através do narcisismo leva, então, o sujeito a estabelecer uma outra relação com os objetos.

Freud (1914/1996), em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, afirma que o corpo unificado é desenvolvido e não um dado *a priori* e inerente ao nascimento. Logo, é na fase fálica, quando se estrutura o campo dos objetos amados, que pode também se estabelecer o circuito da pulsão que se caracteriza pela pulsão autoerótica, sendo que agora também transitando pelos objetos externos. Assim, segundo Pimenta (2012, p. 77) “a pulsão é lançada do campo do sujeito, contorna o campo dos objetos, para só então satisfazer-se no corpo – ou seja, no campo do sujeito, novamente”. Há, então, uma nova relação entre pulsão e objetos, sendo possível destacar uma pulsão em específico: a do olhar. Isso porque é ela que dá ao sujeito a imagem unificada do corpo, só que agora do outro. Por consequência, essa imagem é tomada por identificação, como sendo a do sujeito e investida libidinalmente. Tal investimento é o narcisismo primário, ou seja, é a instituição dessa imagem unificada e totalizada do corpo e que permite à criança se reconhecer na forma humana. Do narcisismo primário, se encaminha para o secundário (PIMENTA, 2012).

Ainda segundo Pimenta (2012), a passagem para o narcisismo secundário ocorre quando o Eu, enquanto um objeto pulsional, precisa daí se retirar, porque quando ele se vê erotizado como um objeto, percebe então que está possuindo o mesmo papel dos outros objetos pulsionais, a saber o de representar um vazio em torno do qual os objetos são erigidos. No entanto, ao haver a sobreposição entre o Eu e vazio, há incompatibilidade com o narcisismo, pois não há como se amar o nada.

Em um segundo momento, após a totalização da imagem do corpo do outro, ocorre a percepção da diferença entre os corpos. Daí deriva o âmago para o Complexo de Castração freudiano, que possui como um dos resultados o surgimento do Ideal do Eu. É com a castração

que se instala a diferença sexual entre os corpos e a possibilidade de se identificar em uma delas. Nesse segundo momento de organização do Eu, é a partir do narcisismo que o Eu privilegiará o lugar do ideal sexual e poderá estruturar, segundo Dias (2001), as funções de virilidade e feminilidade.

Para que essa investigação possa alcançar os seus propósitos, delimita-se que foi com Lacan que a concepção do Ideal do Eu e suas relações com o narcisismo e a instituição do corpo próprio tomou contornos mais definidos. Assim, é sobre as concepções lacanianas, a partir das formalizações de Freud, que nos empenharemos no próximo item desse capítulo a fim de demonstrar as balizas necessárias para que se compreenda como ocorre essa instituição – ou não – do corpo próprio no autismo.

4.1.2 Constituição do corpo em Lacan: o estágio do espelho

Freud havia demarcado o corpo pulsional, colocando-o como um limite entre o psíquico e o somático. Em contrapartida, Lacan retoma a pulsão, inclusive a colocando como sendo um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise. No entanto, adiciona uma nova roupagem ao relacionar esse corpo pulsional com o significante. Conforme abordado no capítulo anterior, para Lacan, é a relação com o Outro que orienta o modo particular de constituição psíquica de cada sujeito. Dentro desse contexto, a superfície corporal que se inscreverá como efeito do estágio do espelho fará um corpo a partir da singularidade dessa relação com o Outro (CALZAVARA; VORCARO, 2018). Cabe destacar que o estágio do espelho é umas das principais teorizações sobre a constituição do corpo. Além disso, ela será um dos marcadores importantes para pensar o corpo no autismo.

Faz-se necessário salientar, como afirma Tendlarz (2017), que Lacan mencionou o autismo em poucas oportunidades – principalmente ao se levar em conta que, naquela época, o autismo não havia alcançado o lugar midiático de uma epidemia diagnóstica. Apesar disso, “seu ensino nos oferece os contornos necessários para entender o autismo e propor uma direção do tratamento” (TENDLARZ, 2017, p. 1). Portanto, o ensino laciano, assim como as teorizações sobre a constituição subjetiva, ajuda a compreender as particularidades encontradas no autismo.

Pimenta (2014), no texto “Usos do corpo nos autistas: o que a clínica nos ensina”, retoma um artigo escrito por Patrício Alvarez para estimular o trabalho no VI ENAPOL³, cujo

³ VI Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Laciana, que teve como tema “Falar com o corpo: a crise das normas e a agitação do real”.

tema da mesa era “Usos do corpo nos autistas”. Alvarez (2013) sistematizou que é possível localizar em Lacan três teorias acerca do corpo, sendo que cada uma dessas teorias tem leituras da clínica correlatas. A primeira teoria seria a do corpo especular, e a clínica correspondente seria a clínica estrutural, que possui a norma fálica como organizador do corpo e que privilegia o registro simbólico e imaginário. A segunda teoria derivaria da entrada do real e o surgimento do conceito de objeto *a*, assim como de uma reconfiguração que dá um lugar de destaque ao gozo. O corpo é pensado e constituído como topológico, possuindo um furo central e uma borda e, nesse contexto, considera-se que “a superfície do corpo erige ao redor da borda, sendo a via pela qual sobrevém a identificação especular” (PIMENTA, 2014, p. 1). Os desdobramentos que se relacionam ao autismo nos materiais bibliográficos se servem, principalmente, dessa segunda teoria do corpo em Lacan. Já a terceira teoria é considerada o ápice da complexidade da teorização de Lacan, enfocando agora o acontecimento de corpo, sendo que a leitura da clínica concernente a ela, como afirma Pimenta (2014, p. 1) “está para ser depreendida”.

Dessa maneira, salienta-se que o presente trabalho buscará apresentar e se utilizará especialmente dessas duas primeiras teorias, principalmente porque os impasses encontrados no autismo, como afirma Pimenta (2012), estão relacionados à assunção do narcisismo primário de Freud. Ademais, como formulação base para a constituição do corpo em Lacan, consideramos o estágio do espelho que é elaborado a partir do que Freud já havia desenvolvido, buscando demonstrar como ocorre a operação inaugural do Eu, “culminando na determinante relação simbólica com o Outro, especificada no segundo período da teorização lacaniana, por meio do Esquema Óptico” (PIMENTA, 2012, p. 82).

A primeira referência ao estágio do espelho aparece em Lacan no texto “Os complexos familiares da formação do indivíduo” (LACAN, 1938/2003). Nesse texto, Lacan (1938/2003) dá ênfase à diferença no ser humano quanto ao instinto presente nos animais ao incluir do lado do humano, o complexo, inerente ao psiquismo humano, respondendo à insuficiência congênita das funções vitais através do apelo ao outro (FAUSTINO; FALEK, 2014). Assim, Lacan (1938/2003) enfatiza a elaboração teórica do Eu a partir da sua conceituação sobre os complexos, que são considerados os organizadores do psiquismo humano, em especial, na sua relação com o outro.

Dentre os tipos de complexos apresentados por Lacan (1938/2003), um se destaca: o complexo de intrusão. É esse complexo que, segundo Faustino e Falek (2014), servirá de base para a função de identificação na constituição do eu. Assim, Lacan (1938/2003) usa de modo ilustrativo a relação entre as crianças e entre irmãos, demonstrando que a relação de rivalidade

entre eles evidencia, na realidade, uma certa identificação mental com esse semelhante. Ademais, essa relação definida pela rivalidade demonstra que existe uma adaptação do comportamento de uma criança em relação a outra e, assim, esse reconhecimento do outro enquanto um rival é também o reconhecimento do outro enquanto um objeto. Desse modo, observa-se também que só ocorre uma identificação mental com esse rival conforme “a imago do outro parece estar ligada à estrutura do corpo próprio, e, mais especialmente, de suas funções de relação, por certa similitude objetiva” (LACAN, 1938/2003, p. 44). É essa concepção que aponta e simula o que Lacan vai desenvolver no estágio do espelho para tratar a imagem do corpo próprio (FAUSTINO; FALEK, 2014).

Lacan (1953-1954/1986) retoma o narcisismo de Freud e trilha novos caminhos em seu livro “O seminário - livro 1: os escritos técnicos de Freud”, ao apresentar o que ocorre no estágio do espelho a partir de dois esquemas ópticos. Assim, afirma que esse estágio corresponde ao declínio do desmame, por volta dos 6 meses, em que a criança “sofre de mal-estar psíquico correspondente ao atraso de sua maturação fisiológica, que, para Lacan, é a base do desmame no homem” (FAUSTINO; FALEK, 2014, p. 470). Faz-se necessário retomar que é também nessa fase que há o início das primeiras vocalizações.

O primeiro esquema apresentado por Lacan (1953-1954/1986) é o buquê invertido, em que há o seguinte cenário: uma caixa contendo um buquê invertido. Em cima dessa caixa há um vaso vazio e em frente à caixa há um espelho côncavo. Dependendo de onde se olhe, o espelho reflete uma imagem com o buquê dentro do vaso. Lacan apresenta isso como uma metáfora que tem como função compreender a formação do eu na sua origem, demonstrando “o que resulta da intrincação estreita do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 95). Por conseguinte, nesse esquema óptico-metáforico, a caixa representa o corpo, o buquê representa os objetos de desejo e o olho representa a posição do sujeito no simbólico.

O segundo esquema óptico retoma o narcisismo secundário e acrescenta à imagem um espelho plano (LACAN, 1953-1954/1986), visando demonstrar “o que se passa com relação ao segundo narcisismo, quando correspondem às identificações com o Ideal do eu. O espelho plano institui a presença do Outro como a dimensão do desejo” (NICOLAU; AZEVEDO, 2019, n.p). Assim, esse espelho plano, A (lugar do Outro), segundo Pimenta (2012, p. 124), passa a refletir para o sujeito o que antes era visto diretamente na imagem real “constituída pelo espelho esférico e que está, agora, elidida de seu olhar”. Nicolau e Azevedo (2019) destacam, ainda, que antes mesmo do nascimento de uma criança, ela já existe na fantasia dos pais, que já

atribuem significantes e significados a ela, a introduzindo na “economia do gozo pela imagem a assunção jubilatória” (NICOLAU; AZEVEDO, 2019, n.p).

O fascínio pela imagem especular, como retoma Faustino e Falek (2014), corresponde ao período que prepondera no fim do primeiro ano de vida. É a partir desse momento que a criança estabelece uma outra relação com a própria imagem, que seria resultado do investimento libidinal que agora faria parte desse estágio e que se relacionaria nas condições ainda insuficientes de sobrevivência – tanto no que tange às funções orgânicas quanto pulsionais em que a criança se encontra submetida após o nascimento. Assim, vê-se um estágio a partir da percepção do corpo próprio como fragmentado:

por um lado, o interesse psíquico encontra-se deslocado para as tendências que visam a uma recolagem do corpo próprio; por outro lado, a realidade, inicialmente submetida a um despedaçamento perceptivo cujo caos atinge até suas categorias - por exemplo, “espaços” tão díspares quanto as sucessivas posições estáticas da criança -, ordena-se refletindo as formas do corpo, que fornecem como que o modelo de todos os objetos (LACAN, 2003, p.48).

Observa-se, portanto, como corrobora Faustino e Falek (2014), que a busca pela unidade mental é respaldada na imagem especular, que é reconhecida enquanto um ideal da imago do duplo. Duplo esse que se constitui, justamente, com a imagem especular, e demonstra essa tendência externa inerente à formação do eu. Lacan (2003) fala dessa intrusão da imagem como uma intrusão narcísica, pois antes de se afirmar uma identidade, faz-se necessário que o eu consiga se alienar a essa imagem que o forma nesse momento originário.

Lacan (1949/1998), em seu texto “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”, afirma que:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem (LACAN, 1949/1998, p. 97).

Logo, é a partir da imagem especular que se estabelece um contorno, uma demarcação do corpo próprio, através do qual, como sublinha Nicolau e Azevedo (2019), juntamente com as palavras que o acompanham, o sujeito pode se ver inserido no mundo. Lacan ressalta a importância das palavras e leva a proposição de que possivelmente é nesse encontro do corpo com as palavras que algo pode se esboçar. A constituição do corpo e a organização original do eu dependem da imagem. Dito de outro modo: para acessar o significante, se inserir no simbólico e no campo do Outro, é necessário passar pela constituição da imagem unificada, visto que é na experiência do espelho que o infans se reconhece seguro pelos braços do Outro (NICOLAU; AZEVEDO, 2019).

É ainda nessa operação de encontro com o espelho que ocorre uma demarcação de um buraco na imagem especular que vem a recobrir o Outro. Do mesmo modo, observa-se que só

se tem acesso ao corpo pela sua forma imaginária, o que leva a pensar, a partir de Nicolau e Azevedo (2019, n.p.), que

o corpo é necessariamente definido em relação à falta, seja pela leitura da falta inscrita pelo significante ao fazer furo no real do organismo, seja pela imagem do corpo que inscreverá uma dessemelhança em relação ao próprio sujeito (NICOLAU; AZEVEDO, 2019, n.p).

Lacan (1962-1963/2005, p. 41) afirma que “a relação especular vem a tomar seu lugar e a depender do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro, e de que sua marca se constitui na relação com o significante”.

Assim, considera-se que a imagem do corpo é o suporte da relação que se estabelecerá do sujeito com o desejo do Outro (NICOLAU; AZEVEDO, 2019). Observa-se isso, pois, no fundo da imagem especular, tem um objeto que possui uma dupla função: ele escapa ao sujeito, mas ao mesmo tempo o constitui. Refere-se, justamente, “a imagem do corpo próprio, metaforizada pelo corpo especular como vestimenta de objeto *a*” (NICOLAU; AZEVEDO, 2019, n.p.). Sendo assim, como Lacan (LACAN, 1960-1964/1998) aborda, a imagem veste esse objeto. Portanto, “o objeto *a* é aquilo que sustenta a imagem especular, exatamente por furtar-se a ela. E quando o objeto não se constitui, a imagem não se sustenta” (NICOLAU; AZEVEDO, 2019, n.p).

Ademais, segundo Coppus (2008), o objeto *a* é o que escapa à imagem especular inicial. Sendo assim, esse objeto *a* pode ser definido como “a perda irreparável destinada ao falante por ele estar submetido à ordem significante” (COPPUS, 2008, p. 73). A relação do objeto *a* com o corpo é introduzida por Lacan (1962-1963/2005) ao incluí-lo no esquema óptico, relacionando-o com o desejo e com a falta. Inicialmente, coloca o objeto *a* como causa de desejo ao presentificar a falta. Além disso, como destaca Coppus (2008), o corpo passa a ser tomado não só como imagem, como uma organização mínima do eu, mas também em termos de sua articulação com o desejo e com o gozo via objeto *a*.

Nota-se, dessa maneira, que o corpo não se institui somente pelo espelho, mas também por uma perda que nenhum objeto consegue restaurar. Acrescenta-se, ainda, que se entre 1950 e 1960 Lacan aborda o corpo enquanto marcado pelo significante e pela inclusão do objeto *a*, é na década de 1970 que ele vem incluir o corpo enquanto um lugar de experiência de gozo. Dito isso, essa concepção muito interessa aos desdobramentos que se referem ao autismo, cuja complexidade do debate só será abordada em relação ao autismo, relacionando-a aos intuítos dessa pesquisa.

Recapitulando, há uma primeira concepção acerca do Estádio do Espelho que tem como foco o imaginário, colocando em voga a divergência do sujeito com o outro na prematuração

em termos biológicos do bebê (PIMENTA, 2012). Por não ter uma unificação das sensações corporais e ter a falta de controle motor, fazem com que a criança não tenha uma concepção totalizada do seu corpo e, conseqüentemente, a constituição de um Eu corporal que se diferencie dos demais objetos existentes no mundo. Nesse contexto, o Eu emerge a partir de sua imagem no espelho, passando do fragmentado para uma imagem totalizada. Ainda segundo Pimenta (2012), a operação de reconhecimento dessa imagem perpassa todos os três tempos lógicos propostos por Lacan (1945/1998) acerca do sujeito. Assim, como primeiro momento, a criança vê a imagem, em seguida procura por seu complemento tridimensional atrás do espelho em busca da compreensão e, por último, a reconhece como sua.

A imagem especular, nesse momento, é baseada na imagem do outro que gera uma resolução para a discordância originária. Por outro lado, ao mesmo tempo, gera um novo desacordo baseado no eu ou você. No entanto, esse impasse vem a ser resolvido, como coloca Pimenta (2012), no segundo momento de teorização lacaniana, quando ele enfoca o Ideal do Eu na constituição do Eu ideal. Diante da indefinida instabilidade entre o Eu e o Eu-ideal, Lacan formula, então, o Outro como lugar do significante. Ao retomar a identificação colocada por Freud, Lacan estabelece o Ideal do Eu como traço significante no Outro que a criança vem a se identificar e utiliza como critério de ser merecedora, ou não, do amor do Outro.

O olhar do Outro, enquanto um dos objetos que presentificam algo do seu desejo, é o portador do não-saber na vida da criança, fazendo-a se interrogar “o que o Outro quer?”. Nesse contexto, Lacan responde a isso ao retomar a instância imaginária primordial para recobrir esse olhar que representa a falta no Outro, com a imagem. Então, mascara essa falta inerente, ao emprestar uma consistência imaginária. Ou seja, diante da discordância inicial do sujeito com o Outro, a solução encontrada, no final da obra de Lacan, é o forjamento de uma consistência dessa imagem especular, revestindo a falta original do Outro (PIMENTA, 2012).

Assim, segundo Calzavara e Vorcaro (2018), o laço do corpo fragmentado e a imagem do corpo é realizada pelas zonas erógenas, que se localizam nos pontos de abertura do organismo, ou seja, nos locais em que o corpo tem alguma comunicação com o mundo exterior. Logo, esse laço se produz pelas “experiências de gozo: a boca, o ânus, o falo, os ouvidos e os olhos; acrescentados por Lacan, eles grampeiam, unem a imagem com o organismo, chamando esse grampo de objeto *a*” (CALZAVARA; VORCARO, 2018, p. 42). Portanto, passa-se a pensar o laço entre imagem e o organismo como o ponto de encontro sendo o objeto *a*. Dessa maneira, a noção de corpo, como afirma Nicolau e Azevedo (2019), inscreve a partir de duas

formas: a primeira como um corpo especulável e a segunda diz respeito à parte que cai, impossível de ser especulável, que é precisamente o objeto *a*.

Esse objeto *a*, segundo Calzavara e Vorcaro (2018), é um furo que tem uma borda condensando o gozo, pois como o objeto constitui um furo no Outro, ele tem bordas que vão funcionar como condensador de gozo. Nesse contexto, o circuito da pulsão ocorre a partir desse furo através da função do corpo e da fala. Brousse (2014), ao retomar o esquema óptico de Lacan, diz que os objetos *a* são objetos que, ao serem introduzidos no vaso, florescem. Porém, quando eles estão fora dessa imagem, causam horror, pois quando eles estão fora da imagem, eles não têm mais valor de significação, passando a ter seu valor de real. Assim, para que ocorra o laço entre a imagem e o corpo fragmentado, há a seguinte condição: que “o objeto *a* tenha sua localização dentro do marco da imagem do corpo” (BROUSSE, 2014, p. 10).

Diante do que foi sintetizado acima, qual seria a particularidade da constituição do corpo no autismo?

4.2 Constituição do corpo no autismo

Após esta exposição acerca da constituição do corpo para a psicanálise, tanto em Freud quanto em Lacan, é possível afirmar que, para a psicanálise, pensar o sujeito é pensar na relação dele com o Outro e com o objeto. No autismo, segundo Pimenta (2012), sua constituição é marcada por particularidades que se relacionam às dificuldades que podem ser visualizadas na observação de seus comportamentos. Segundo essa mesma autora, a partir dessa observação é possível afirmar que não ocorreu uma constituição imaginária que desse suporte para sua relação com o mundo. Assim, se o sujeito dito neurótico passa, por meio do estádio do espelho, a ter um corpo, no autismo não há um corpo nesse sentido, justamente porque “o recurso originário para instituí-lo não ocorreu para perfazer uma composição imaginária mínima” (PIMENTA, 2018, p. 122). Ou seja, podemos dizer que, no autismo, há um corpo não constituído.

Pimenta (2012) afirma que as manifestações desregradadas da pulsão parecem supor uma ausência de consistência corporal. Isso se relaciona ao fato de que, no autismo, “não há a instituição do narcisismo primário, emanando daí as diversas consequências que tal ausência implica” (PIMENTA, 2018, p. 92). Assim, é o narcisismo primário que institui a imagem unificada e totalizada do corpo e que permite que a criança possa se reconhecer na forma

humana. No entanto, no autismo não há essa instituição, então o autista não consegue instituir um corpo totalizado e separado dos objetos.

Assim, diante dessa carência mínima de unidade corporal, há a iminência de sensações de despedaçamento. Portanto, para esses sujeitos, a psicanálise pode intervir de modo a auxiliá-los na estruturação, como afirma Pimenta (2018), de uma borda que institua algum contorno a esse corpo, mesmo que de modo frágil e artificial. Na busca por perfazer essa borda, o autista conta com três elementos: o objeto autístico, a ilha de competência/tema de interesse específico e o duplo. Nessa mesma direção, Padilha e Lhullier (2012) afirmam que não há imaginarização do corpo no autismo e, portanto, esse sujeito “vive na dimensão real de seu corpo, não ‘tem’ um corpo, na medida em que tê-lo requer esse passo inicial de alienação à imagem do outro especular” (PADILHA; LHULLIER, 2012, p. 118).

Logo, pode-se dizer que, em termos freudianos, o impasse existente no autismo se refere ao narcisismo primário, não ocorrendo a instituição da imagem unificada do corpo e, em termos lacanianos, o impasse residiria na não alienação ao Outro especular, lá no espelho. De modo análogo, o modo singular de relação com o Outro e com a linguagem, abordados no capítulo anterior, prenunciavam de que modo ocorreria a constituição – ou a não constituição – do corpo no autismo. Assim, segundo Pimenta (2012), alguns autores consideram que há ausência, em termos freudianos, do Ideal do Eu, e por isso não haveria os mecanismos identificatórios básicos para a composição especular.

No que se refere ao Estádio do Espelho, observa-se que a constituição do eu ocorre por meio da relação ao Outro e aos objetos, relação essa que pressupõe a extração do objeto de modo a organizar o imaginário e as conexões estabelecidas com a realidade, assim como as pulsões que também se regulam através da extração do objeto *a*, coordenando as relações do sujeito com seus objetos pulsionais. No autismo, não há a separação entre o Outro e objeto *a* e, portanto, não há a constituição das “zonas erógenas, onde o gozo se aloja, fazendo um corpo. As partes destacáveis do corpo – seio, fezes, voz e olhar –, marcam, ao mesmo tempo, uma promessa e uma perda, tornando-se propícias a encarnarem o semblante desse desejo” (PIMENTA, 2012, p. 130).

Diante disso, no que se refere ao corpo e àquilo que ele pode ser afetado, percebe-se que insensibilidade à dor e não perceber que está doente podem ser bastante comuns no autismo. Outrossim, em relação à imagem desse corpo, muitas crianças não se interessam pela imagem, mas pelos buracos nela presentes. Em relação aos objetos destacáveis do corpo que presentificam de alguma maneira a demanda do Outro (alimentos e excrementos), as crianças

podem anular esse Outro da demanda a partir de uma dependência total na alimentação (alimentando-se somente se alguém os alimentar) ou não conseguindo comer na presença de outras pessoas. Algumas podem, ainda, se manter constipadas ou evacuar em locais distintos dos habituais, escondidos desse Outro. De maneira distinta, outras crianças requisitam a presença desse Outro a fim de obter alguma regulação, ao controlar os gestos do Outro que está servindo sua comida ou que está abrindo sua roupa ou que está acionando a descarga, por exemplo (PIMENTA, 2012).

Pimenta (2013), em seu artigo “O autismo expõe o que há de real no corpo”, sintetiza que os autistas, portanto, estão inseridos, ainda que de modo singular, na linguagem e se alienam a ela – como já abordado anteriormente a partir de Maleval (2020). No entanto, essa alienação não resulta na separação que é a operação necessária para a queda do objeto, assim como para a constituição de um vazio no corpo, para que o gozo possa vir a se alojar nele. Então, considera-se que o que se destaca no autismo é que não há um furo real, o que dificulta a construção de uma borda e, conseqüentemente, um corpo.

Se no autismo não há um corpo instituído, é com Laurent que podemos entender o que ocorre no autismo. Laurent (2014) afirma que Tustin já havia colocado que a especificidade fenomenológica do autismo seria sua carapaça e que esse termo

remete ao fato de que um sujeito que não tem envoltório corporal, que não reage à imagem de seu corpo, instalou, em vez do espelho que não funciona, uma *neobarreira* corporal dentro da qual – ou sob a qual – ele fica totalmente encerrado. A carapaça funciona como uma bolha de proteção para o sujeito (LAURENT, 2014, p. 78, grifos do autor).

Sendo assim, observa-se que o autista não tem envoltório corporal e instala, no lugar do espelho, uma neobarreira corporal, visando se proteger. Como essa *neobarreira* é fechada, os orifícios corporais também seriam todos tapados. Logo, segundo Laurent (2014), se não há corpo e, conseqüentemente, imagem do corpo, o que ele tem é “sua cápsula ou uma bolha muito sólida que lhe permite defender-se das manifestações do Outro que lhe são dirigidas” (LAURENT, 2014, p. 78). Isso se justificaria, dentre outras considerações, por não haver no autismo um trajeto pulsional que passe pelo lugar do Outro, levando Laurent (2014) a pensar como essa borda poderia se deslocar.

Assim, como o autista não constitui a identificação especular, ele não dispõe dos recursos imaginários. Dessa forma, Padilha e Lhullier (2012, p. 127) afirmam que

ele opera, então, pela própria via de gozo, uma borda que delimita algo do corpo, produzindo como consequência um efeito de “encapsulamento” (...) uma espécie de cápsula protetora, é uma solução encontrada para demarcar um efêmero limite no corpo, na ausência de delimitação pela imagem, o que possibilita a sustentação de “algo” como corpo.

Desta maneira, como afirma Tendlarz “o encapsulamento autista é uma bolha de proteção cerrada de um sujeito sem corpo” (TENDLARZ, 2011, p. 49). Sendo que essa cápsula não é permeável às trocas com o mundo exterior e acaba por promover o fechamento do sujeito em si mesmo. Contudo, de modo algum, considera-se que o autista e seu corpo se reduzem a um organismo: há um sujeito que, através de suas invenções e soluções singulares, encontra maneiras de fazer um corpo e de se relacionar com o mundo.

Laurent (2014) destaca como uma das características principais do espaço autístico o fato de ser sem furo. Retoma ainda que, a partir de Miller, é possível afirmar que as crianças autistas estão imersas no real e nesse registro do real não há furo. Assim, se não há furo, também não há uma borda que delimite esse furo, pois uma borda é justamente um lugar fronteiro, passível de ser transposta e que possibilita contatos e trocas. Assim, pode-se dizer que “o corpo-carapaça do sujeito autista é uma neoborda, pois forma um limite quase corporal, intransponível, para além do qual nenhum contato com o sujeito parece ser possível” (LAURENT, 2014, p. 82). Dessa forma, podemos resumir que a ausência de experiência no espelho resulta na ausência do envoltório corporal e, bem como reitera Maia e Brandão (2015, p. 140), “o corpo goza em si mesmo, sem passar pelo Outro, por isso os termos encapsulamento, carapaça e bolha. Por recusar a linguagem, a relação com o outro e a alienação ao significante do Outro, o autista não pode contar com uma imagem especular”.

Logo, para que algo possa acontecer, segundo propõe Laurent (2014), é necessário que um tempo depois algo consiga se “engancha” para que essa *neoborda* possa relaxar, se deslocar e, assim, constitua um espaço similar a uma fronteira, que nem seja do sujeito, nem do Outro, e que possibilite novos tipos de troca, articuladas a um Outro não tão ameaçador. Sendo assim, cabe ao analista sempre manter a aposta na invenção singular de cada autista e os exemplos mais paradigmáticos dessas invenções são justamente, assim como mencionados acima, os objetos autísticos, os interesses específicos e o duplo. Ademais, essas invenções compõem a borda autística que dão contorno ao corpo e o protege do Outro, do mundo externo. Além disso, também são elas que possibilitam que alguma relação possa ser estabelecida com o próprio corpo e com o mundo. Portanto, o encapsulamento proposto por Laurent, como assinala Tendlarz (2017), não constitui uma carapaça fechada, mas que pode ser permeável à inclusão de objetos e pessoas.

Assim, pode-se considerar, a partir disso, que na neurose, no processo descrito por Lacan no Estádio do Espelho, o sujeito se apropria de um corpo e passa a tê-lo (PIMENTA, 2018). Na psicose, o sujeito não consegue constituir um corpo com toda completude imaginária

como o neurótico, mas consegue dispor dele de alguma maneira. Já no autismo, não há corpo nesse sentido, justamente porque o recurso original para instituí-lo não aconteceu para conseguir perfazer uma composição originária, mesmo que mínima. Então trata-se de estruturar uma borda que institua o contorno desse corpo, mesmo que de modo frágil e artificial. Indo mais adiante na discussão a esse respeito, considera-se, segundo Maia e Brandão (2015, p. 140), que “na topologia do corpo autista, não há um furo central que delimite um dentro e um fora. Assim, a criação de uma borda é necessária justamente para instituir um limite que localize o gozo”.

Outros autores continuam a se debruçar sobre essa temática, visando discutir qual seria o estatuto da *foraclusão* no autismo. Miller, segundo Tendlarz (2017), afirma que “falta a falta”, por estarem imersos no real. Laurent, ainda segundo Tendlarz (2017), propõe a “*foraclusão* do furo”, para denominar que não há uma delimitação de uma borda simbólica para esse furo. Porém, diante dos objetivos do presente trabalho, essa discussão e sua complexidade não serão desenvolvidas aqui. Ademais, o que interessa são as repercussões dessa relação/não constituição do corpo para se considerar as implicações da puberdade para esses sujeitos. Para tanto, é importante que se aborde a puberdade no contexto psicanalítico.

5 IMPLICAÇÕES DA PUBERDADE NO AUTISMO

Assim como já mencionado no início deste trabalho, e como enfatizam Pougy e Grimberg (2017), não há em Freud nem em Lacan uma teoria sobre a adolescência. O que é possível localizar é um estudo em Freud acerca das transformações da puberdade, principalmente no terceiro ensaio sobre a sexualidade, denominado “A metamorfose da puberdade” (FREUD, 1905/1996). Sendo assim, em consonância, inclusive, com o trajeto teórico percorrido até aqui, que teve como escopo a questão da não-constituição do corpo no autismo, o termo utilizado e discutido, assim como Freud, será puberdade.

Portanto, a puberdade não é a adolescência e não deve ser confundida com ela. Alexandre Stevens coloca que “a puberdade é esse real que as crianças encontram quando chegam à saída da infância” (STEVENS, 2013, p. 1). Ou seja, a puberdade é esse real que impõe uma reconfiguração que ultrapassa os limites corporais e físicos, pois o que difere o ser humano do animal é que, no animal, o instinto já determina o que há de se fazer. Já para o ser humano, na ausência desse instinto, há uma linguagem que é incapaz de dizer tudo. Esse é o real difícil que extrapola a mudança corporal.

A imagem do corpo que havia sido construída na infância, que Lacan demonstrou a partir do estágio do espelho, é afetada com as mudanças que ocorrem na puberdade, necessitando, então, de uma reconstrução. Assim como lá na infância, em que o sujeito constrói sua imagem corporal via linguagem a partir do outro, sendo essa imagem que fornece consistência ao corpo que o sujeito considera como seu. Do mesmo modo, pode-se considerar que, na puberdade, é a partir dos encontros com o outro que esse jovem se identificará, se constituirá como sujeito e se reconhecerá nesse novo corpo (ZANOTTI, 2008). Afinal, como afirma Lacan (1949/1998, p. 101), “(...) a partir do outro, eu me reconcilio com a minha própria alteridade-estranheza, que jogo com ela e vivo com ela”.

Sendo assim, Freud (1905/1996), no terceiro ensaio, explicita que as metamorfoses da puberdade resultam, para o sujeito, na perda do seu corpo de criança e, portanto, passa a ser necessária a reconstrução de sua imagem corporal. Além disso, suas considerações tomam como principal fundamento a pulsão e indicam que as transformações da puberdade eram aquelas que levavam a vida sexual infantil a sua configuração definitiva. Dessa forma, Freud, como frisa Zanotti (2016), colocava o acento sob as consequências na vida erótica do sujeito. Considera-se, ainda, a partir de Freud (1905/1996), que acontecem mudanças corporais na puberdade, mas o mais importante é que acontece uma mudança de objeto, pois como destaca

Telles (2016), se antes o que estava em jogo era somente o próprio corpo (e, portanto, a pulsão era autoerótica), agora ela encontra seu objeto sexual: entra em cena o corpo do outro.

Dessa maneira, o objeto teria o desafio de conjugar duas correntes: a sensual e a de ternura (FREUD, 1905/1996). Nessa conjugação, segundo Soares (2019), surgiriam dois impasses: no que concerne à corrente sensual, há uma certa obtenção de prazer através das pulsões parciais na infância; já em termos da corrente de ternura, esse encontro seria na realidade um reencontro, isto é, “um reencontro do primeiro objeto de amor e é precisamente a isso que o sujeito deve renunciar na puberdade. O que estará em questão novamente no momento da puberdade é a perda do objeto, quando o “encontro do objeto” é, de fato, o encontro com o Outro sexo” (SOARES, 2019, p. 1276).

Sendo assim, na puberdade, há uma reatualização da perda de objeto já vivida anteriormente. Ainda nesse mesmo contexto, Stevens (2013) coloca que a puberdade, enquanto esse novo real que as crianças se deparam ao final da infância, possui dois aspectos: um empuxo hormonal e o despertar de seus sonhos. Este segundo aspecto é introduzido por Lacan (1973/2003) no prefácio a “O despertar da primavera” – que tem como nome original “*The awakening of spring*” (1891/2011) –, uma peça de Frank Wedekind que aborda o surgimento de algo novo que afeta os jovens de modo singular e que prenuncia, através dos personagens descritos, várias considerações sobre a adolescência. Sendo assim, sobre esse segundo aspecto, Lacan destaca que não há como não considerar que o mais marcante dessa mudança é o despertar dos sonhos. Assim, a puberdade se caracteriza por esse corpo biológico que é refeito, mas principalmente há de se considerar que esse corpo se transforma porque os jovens passam a sonhar esse despertar de seus sonhos de maneira distinta.

Nota-se, deste modo, que tanto Freud quanto Lacan apontam para algo dessa dimensão de um despertar. Portanto, de modo prioritário, esse trabalho se apoia na consideração da puberdade, como aborda Zanotti (2016), como um despertar para o mal-estar. Esse mal-estar estaria presente em todo sujeito e estaria relacionado “ao despertar para o desejo, à delicada relação do sujeito com o corpo próprio, ao traumático encontro com o outro e à difícil separação da autoridade dos pais” (ZANOTTI, 2016, p. 3).

Além disso, Zanotti (2016) afirma que, na puberdade, as fantasias passam a ser principalmente relacionadas ao desejo sexual e ao encontro com o sexo, e é justamente esse encontro com o sexual, singular para cada um, que caracteriza o despertar para o mal-estar. Esse encontro seria, no caso, um mal encontro, pois: “é a propósito desse encontro que Lacan descreve a relação sexual como impossível e testemunha o desencontro, o desamparo

fundamental e a não-completude, inerente a todos os sujeitos” (ZANOTTI, 2016, p. 3). Esse encontro com o real do sexo é o que faz furo no real, como aborda Lacan (1973/2003) no “Prefácio ao despertar da primavera”.

Ainda em relação à puberdade, é importante considerar o que afirma Turinetti (2009), ao retomar Freud (1905/1996) e sua comparação da metamorfose da puberdade à escavação de um túnel dos dois lados ao mesmo tempo. Ou seja, “um furo tendo uma extremidade que fura a autoridade, o saber, a consistência do Outro e a outra que perturba a vivência íntima do corpo” (TURINETTO, 2009, p. 87). Assim, Turinetti (2009) deduz que construir esse túnel também implica atravessá-lo, sendo que a saída irá depender do “contorno e da localização correta do furo que afeta o saber e daquele que concerne o gozo” (TURINETTO, 2009, p. 87).

Ademais, segundo Couto (2018):

Com a chegada do real da puberdade, o sujeito se vê privado da língua de sua infância, que sustentava a identificação constituinte de seu ser e o sentimento de vida. Esse ponto de apoio vacila e o sujeito se confronta com algo que, ao fazer “furo no real”, o reenvia a um vazio. Há, portanto, certo despedaçamento do imaginário com o surgimento desse real. Do lado da identificação simbólica, o sujeito precisará operar uma separação das figuras de seus pais e modular de outra forma seus ideais, de outra forma que não seja a modulação pela simples identificação paterna (COUTO, 2018, p. 4).

Assim, há de se separar desse Outro e reconstruir-se enquanto sujeito. Sendo que “o encontro com o real da puberdade, com aquilo que faz furo, perturba a vivência íntima do corpo e traz inquietações. O corpo torna-se o lugar onde se atualizam os problemas da identidade e do gozo indizível” (COUTO, 2018, p. 4).

Diante disso, ao considerar que no autismo não há a instituição de uma imagem unificada e totalizada do corpo e que, portanto, trata-se de fazer um corpo a partir de suas invenções singulares, o que aconteceria ao autista na puberdade? Esta importaria um despertar para o mal-estar? Para o encontro com o sexual? Tratar-se-ia de instituir, de forjar, através da borda autística, um novo contorno corporal? Esses foram os questionamentos que surgiram e orientaram a discussão a seguir, que teve como objeto as autobiografias de autistas que foram apresentadas na metodologia.

Lacadeé (2011) afirma que com a chegada da puberdade, o sujeito “depara-se com essa parte de desconhecido, em face da qual as palavras desfalecem, a ponto de se chocarem com um impossível de dizer, agitando tanto os corpos como o pensamento” (LACADEÉ, 2011, p. 74). Ou seja, na puberdade há uma introdução de um novo, que requisita ao sujeito também uma nova invenção para lidar com isso. A partir da biografia de Owen e das autobiografias apresentadas na metodologia, foi possível perceber que, para todos eles, a puberdade trouxe implicações. Mas será que estas se caracterizam enquanto um despertar para o mal-estar? No

que este se relaciona, como dito por Zanotti (2016, p. 3), “ao despertar para o desejo, à delicada relação do sujeito com o corpo próprio, ao traumático encontro com o outro e à difícil separação da autoridade dos pais”. E mais especificamente: o encontro com o sexual?

A partir do livro “Vida animada: uma história sobre autismo, heróis e amizade” (SUSKIND, 2017) e da leitura acerca da puberdade, foram eleitos dois pontos de investigação: a puberdade enquanto um momento de reinvenção; e o encontro com o Outro sexo. Esses dois aspectos foram mantidos como interrogações durante toda leitura das autobiografias, e foi a partir deles que elas puderam ser lidas.

5.1 Impasses da puberdade no autismo: a (re)invenção da relação com o corpo

Com Higashida (2014), é possível entender o quanto, para ele, seu corpo é difícil de controlar, e como ele passa a vida buscando encontrar um modo, através de uma invenção de dar um contorno e uma unidade a ele. Inclusive, em certo momento do livro, fala do quanto gosta das roupas, por essas serem como uma extensão de seu corpo, uma segunda pele, só que uma extensão que, diferentemente do corpo, não muda, o que é bastante reconfortante para ele.

No Capítulo 16, a partir da pergunta “É verdade que você detesta ser tocado?”, Higashida (2014, p. 47 e 48) responde:

De modo geral, para um autista o fato de ser tocado significa que outra pessoa está exercendo controle sobre um corpo que nem mesmo seu dono é capaz de controlar direito. É como se perdêssemos o que somos. Pense nisso, é apavorante! (...) levantamos uma barreira ao nosso redor para manter os outros do lado de fora (HIGASHIDA, 2014, p. 47-48).

Nesse trecho, pode-se observar que a relação com o corpo passa por uma percepção de que esse corpo tem leis e um funcionamento que escapam do controle do próprio sujeito. Logo, trata-se de erigir uma barreira para se proteger desse outro e, assim, delimitar um contorno a esse corpo. Higashida (2014, p. 56) diz, ainda, que eles não sentem como se seus corpos de fato os pertencessem, pois “eles estão sempre agindo sozinhos e escapando de nosso controle. Aprisionados lá dentro, lutamos o tempo todo para que façam o que mandamos!”.

Em diversos outros trechos, Higashida (2014) continua a descrever os impasses dessa relação e do embaraço desse corpo não totalizado. Tanto que Higashida (2014, p. 69) testemunha:

Na aula de educação física, o professor diz coisas como “Estique os braços!” ou “Flexione os joelhos!”. Mas eu nem sempre sei o que meus braços e pernas estão fazendo. Não tenho uma sensação clara do lugar exato onde eles se prendem ao meu corpo ou de como obrigá-los a realizas as tarefas que eu quero.

A partir dessa relação com o corpo, a relação com os objetos e a separação dos mesmos parece não estar delimitada: “Acho que quando crianças autistas tentam alcançar algo ‘pedindo emprestada’ a mão de outra pessoa, é por não terem noção do quanto precisam esticar os próprios braços para pegar esse objeto” (HIGASHIDA, 2014, p. 69). Dessa forma, Higashida (2014) sinaliza (de diversas formas) como o autista passa a vida encontrando formas de lidar com esse corpo que é vivido na dimensão real; de estruturar, de alguma forma, uma borda para constituir algum contorno, mesmo que artificial. Afinal: “lutamos com nossos corpos a vida inteira” (HIGASHIDA, 2014, p. 88). Higashida (2014) escreveu esse livro aos 13 anos, logo ainda não chega a relatar algo da puberdade. Contudo, a partir de Owen, Tammet e Williams, podemos avançar nessa discussão.

Com Owen, percebe-se que, desde a infância, ele criou uma solução singular para conseguir se relacionar com o Outro, com a linguagem e com o corpo, que foi através da língua Disney. A língua Disney, se for pensada a partir de Laurent (2014) e Pimenta (2018), pode ser considerada uma invenção singular de Owen, que através do incentivo e da utilização da mesma por seus pais e terapeutas, possibilitou uma borda que instituisse algum contorno a seu corpo, protegendo-o do Outro, mas ao mesmo tempo possibilitando que alguma relação pudesse existir tanto com seu corpo, como com a linguagem e o Outro.

Com a proximidade da puberdade, Owen já sinaliza que esta começa a impor alguns desafios e que a invenção da infância já não dava conta desse novo real. É na puberdade que Owen começa a utilizar a língua Disney não só usando as falas, passando a desenhar seus personagens e ainda a mudar o roteiro dos filmes de animação (SUSKIND, 2017). Cria, inclusive, uma história sobre si, mesmo que com o apoio dos elementos da Disney: Owen diz que ele é o protetor dos escudeiros, pois nenhum escudeiro fica para trás. Diz, também, que tem medo do futuro e de como ele será, mas que acaba por concluir que mesmo sem enxergar o futuro, ele sabe que ele será brilhante. Assim, pode-se observar que a puberdade trouxe em seu bojo um desconhecido; novos enigmas que fizeram com que Owen, juntamente com esse corpo que vinha sendo refeito pela puberdade, tivesse também que se refazer. Diante dessa reinvenção da língua Disney, parece que Owen conseguiu, como afirma Soares (2019, p. 1285), “alguma subjetivação do gozo que lhe afetava o corpo na etapa da puberdade”.

Nessa mesma direção, nota-se com Temple Grandin (GRANDIN; SCARIANO, 1999) que esta também enfatiza os desafios impostos pela puberdade, principalmente, para ela, a partir de um aumento de excitações, que a levam a ter que reinventar um modo de se relacionar com esse corpo. Assim, em diversos outros trechos, Grandin vem relatando o quanto esse momento

foi desafiador para ela justamente por conta desse aumento das excitações: “Na puberdade, eu ansiava desesperadamente por alívio para o nervosismo do tipo ‘medo de palco’” (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p. 78). Medo de palco foi o termo que ela usou para se referir a quando sentia ansiedade, e afirma que isso a acompanhou ainda mais durante a adolescência. Acrescenta, ainda, que parece que aquele corpo, que já era difícil de lidar, passa a apresentar ainda mais desafios na adolescência, pois o que antes servia para acalmá-la, parece não servir mais. Ao final da escola secundária, Grandin diz que outras questões foram suscitadas, dentre elas: “Portar o rótulo de autista não alterava para mim a típica questão da adolescência – haverá vida após o curso colegial?” (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p. 88).

Com Daniel Tammet, identifica-se que ele relaciona já algumas mudanças com a proximidade da puberdade, como o ato de escovar os dentes e a recém habilidade para nadar. Tammet (2007) também evidencia que a adolescência parecia o estar mudando, e não só no sentido hormonal/corporal, mas principalmente no modo como ele via e se sentia em relação às pessoas. Assim, Tammet (2007) narra alguns impasses que são encontrados somente com a puberdade, através do outro (família e amigos) que começa a sinalizar algumas questões:

Somente no início da puberdade percebi que teria de encontrar uma forma de escovar os dentes regularmente. Em particular, meus irmãos e irmãs e colegas de escola vinham percebendo que meus dentes estavam manchados e zombavam de mim por isso, o que me deixou cada vez mais relutante até em abrir a boca para falar, por causa dos insultos que se seguiam” (TAMMET, 2007, p. 79).

Até então, Tammet (2007) não gostava de escovar os dentes por conta do ruído que a escova fazia passando nos dentes. Mas com a idade avançando rumo à adolescência, cada vez mais os colegas de escola passavam a notar, e faziam questão de falar e o insultar por isso. Até que, depois de muitas tentativas, hoje ele consegue escovar os dentes duas vezes ao dia com uma escova elétrica, por não produzir o rangido que tanto o incomodava. Tammet também aborda o quanto sua relação com a coordenação motora do corpo sempre foi difícil, tanto que isso fez com que o aprendizado da natação fosse desgastante e lento. No que ele afirma que:

Somente ao me aproximar da puberdade por fim subitamente perdi o medo de estar na água e descobri que conseguia flutuar e me mover sozinho, sem as boias de braço. A sensação de euforia foi imensa e parecia que eu tinha dado um enorme passo à frente. Meu corpo finalmente começava a fazer as coisas que eu queria (TAMMET, 2007, p. 80).

Nota-se, dessa maneira, que Tammet (2007) relaciona duas mudanças, envolvendo seu corpo, ao início ou proximidade da puberdade. Assim como foi durante esse mesmo período que ele encontrou, pela primeira vez, um amigo verdadeiro, que foi Babek. Também aos 13 anos, o pai o ensina a jogar xadrez e passa a levá-lo para frequentar um clube de xadrez. A partir

disso, “minha conversa girava em torno do xadrez – eu dizia às pessoas que, quando mais velho, queria ser jogador de xadrez profissional” (TAMMET, 2007, p. 94).

Além disso, nessa época, ele começa a notar os efeitos dos hormônios e as mudanças que chegam com a puberdade:

A adolescência estava me mudando – eu estava ficando mais alto e minha voz, mais grave. Meus pais me ensinaram a usar desodorante e a me barbear embora eu achasse difícil e desconfortável (...). O efeito dos hormônios também vinha afetando a forma como eu via e sentia as pessoas à minha volta. Eu não entendia as emoções; eram coisas que simplesmente aconteciam comigo, muitas vezes aparentemente vindas do nada. Tudo que eu sabia era que queria estar próximo de alguém e, não entendendo a proximidade como algo basicamente emocional, caminhava até um dos outros alunos no recreio e ficava bem perto até sentir o calor do seu corpo de encontro à minha pele (TAMMET, 2007, p. 97).

Observa-se que Tammet (2007) sentia que a puberdade não trazia só mudanças corporais, mas também subjetivas, tanto que é nessa época que ele confirma que tem atração por outros meninos, mas não entendia ao certo o que isso significava. Tammet (2007, p. 97) ainda complementa: “eu nunca sentia vergonha ou constrangimento pelos meus sentimentos, porque não escolhi conscientemente tê-los; eles eram tão espontâneos e reais como as outras mudanças fisiológicas da puberdade” (p. 97).

Contudo, não sabia como expressar seus sentimentos, então por vezes só se sentava ao seu lado e esperava que assim ele entendesse, mesmo sem nem ao menos ter se apresentado a ele. Então passa a se oferecer para ajudá-lo em trabalhos da escola, o que continuou a não fazer com que ele entendesse ou quisesse se aproximar mais de Daniel. Diante disso, ele resolve escrever um bilhete falando sobre seus sentimentos, mas ele o devolve e explica, de forma gentil, que não podia ser a pessoa que Daniel queria que ele fosse. Tammet ficou triste e colocou seu CD preferido do Carpenters para tocar. Somente na vida adulta, já no início dos anos 2000, que Tammet (2007) volta a ter interesse amoroso por outra pessoa, dessa vez por um rapaz que conheceu pela internet, já que:

Para os indivíduos no espectro autístico, a comunicação com outras pessoas pela internet tem algo de empolgante e tranquilizador (...) conversar em salas de bate-papo ou por e-mail, ao contrário de outras situações sociais, não requer que você saia como puxar conversa ou quando sorrir ou as numerosas complexidades da linguagem corporal (TAMMET, 2007, p. 124).

É na internet que ele conhece Neil e, pela primeira vez, sente que realmente está apaixonado e a outra pessoa também: “emoções que eu não experimentara nos anos depois de minha paquera de adolescência senti agora súbita e fortemente, por momentos longos e persistentes, tão profundamente que doíam” (TAMMET, 2007, p. 124). Daniel está com Neil até os dias atuais.

Assim, diante da análise realizada a partir do livro “Vida animada: uma história sobre autismo, heróis e amizade”, bem como das autobiografias de Naoki Higashida, Daniel Tammet e Temple Grandin, pode-se considerar que todos esses autistas já tiveram que encontrar, através de suas invenções, maneiras de fazer um corpo e de se relacionar com o mundo. Com a puberdade, essa invenção parece não servir totalmente, e eles passam a ter que reinventar esse corpo, modificando ou acrescentando outras soluções singulares para conseguir, inclusive, se relacionar com o mundo.

Sobre isso, Santos *et al.* (2020) discutem que a puberdade seguida do adolescer é um momento lógico de construção, muito mais do que um tempo cronológico, em que o sujeito é convocado a dar novas respostas e obter novas saídas diante do desencontro dos sexos e da impossibilidade de complementariedade entre sujeito e o Outro. Sendo assim, é um momento que traz em seu bojo a necessidade de um trabalho psíquico “a partir das construções sobre o saber e o gozo do Outro” (SANTOS *et al.*, 2020, p. 286). Diante disso, questiona-se quais seriam as marcas da puberdade para os autistas, e os autores argumentam, apoiados em Bastos, Monteiro & Ribeiro (2005) que o autista pode apresentar:

crises advindas de um excesso pulsional no próprio corpo, buscando uma via de escape, uma tentativa de inscrição de barra, em que o gozo sem barragem parece potencializar-se na puberdade, e precisa de um ponto de ancoragem para que o sujeito não se sinta aniquilado; e esse gozo que retorna no real do corpo precisa ser circunscrito” (SANTOS *et al.*, 2020, p. 286).

Logo, observa-se que, nesse momento da puberdade, os autistas parecem sinalizar uma potencialização desse gozo sem barragem, seja quando Grandin fala sobre esse aumento das excitações nervosas, seja quando Tammet fala de como muitos impasses foram surgindo com a proximidade da puberdade. Para estes sujeitos em que: a relação com o Outro é marcada por uma busca por anulá-lo; há uma resistência a alienação do seu ser na linguagem; e que não há um corpo, mas sim um esforço para o fazê-lo, parece que a puberdade traz em seu bojo a potencialização desse gozo sem barragem, que impõe ao autista um novo trabalho, uma invenção ou uma reinvenção de um borda que institua um limite que localize esse gozo, e uma tentativa de inscrição de uma barra. Pois, a partir de Laurent (2014) e Maia e Brandão (2015), considera-se que é a partir da criação de uma borda que o autista pode estabelecer essas relações (com o corpo, linguagem e o Outro). E é somente quando a Neoborda relaxa e se desloca que ela consegue constituir um espaço fronteiroço, que não é do Outro nem do sujeito, possibilitando, dessa forma, um contorno ao próprio corpo e um espaço de trocas que consegue se articular a um Outro menos ameaçador.

Assim, a partir da análise das autobiografias, nota-se que a puberdade impôs a Temple Grandin, por exemplo, um aumento das excitações nervosas, que a levaram a ter que recorrer a uma invenção singular para lidar com elas, que ela foi aperfeiçoando até criar uma máquina do abraço. Essa máquina foi pensada por ela a partir da observação de que, quando as vacas iam ser vacinadas, barras de ferro as seguravam. Contudo, mesmo com essas barras as pressionando, elas ficavam calmas. Assim, ela tem a ideia de copiar essa máquina a fim de acalmá-la e, principalmente, de diminuir essas excitações nervosas.

Logo, Temple Grandin, segundo Vidigal (2013), usava essa “*cattle trap*” (máquina do abraço) para que ela conseguisse suportar o encontro com o gozo caprichoso do outro, ou seja, essa borda é construída na forma de uma máquina do abraço, que permite “que uma operação tenha lugar sobre o impulso agressivo, produzindo um apaziguamento da angústia” (VIDIGAL, 2013, p. 47). Pode-se pensar que essa máquina entra como uma invenção singular de Temple Grandin que dá um contorno a esse corpo e institui um limite que localiza o gozo, possibilitando o deslocamento da borda no espaço entre os corpos.

Portanto, diante das autobiografias, pode-se considerar que a puberdade acarreta a potencialização do gozo sem barragem, que impõe ao autista um novo trabalho, uma invenção ou uma reinvenção de uma borda que institua um limite que localize esse gozo, e uma tentativa de inscrição de uma barra. Assim, a puberdade convoca um novo trabalho psíquico para o autista que é um sujeito “sem corpo” (TENDLARZ, 2011). Nota-se que, com as mudanças corporais da puberdade, o autista terá que (re)inventar, “artificialmente”, um corpo e um modo de se relacionar com ele, além de “criar para si seu próprio modo de estar com os outros” (TENDLARZ, 2011).

Mas a partir desses impasses da puberdade, pode-se considerar que há um despertar para o Mal-estar?

5.2 Autismo e puberdade: o encontro com o sexual

Retomando Freud (1905/1996), as transformações da puberdade que ele analisou foram apontadas como aquelas que levam a vida sexual infantil rumo a sua configuração definitiva. Assim, pode-se destacar, como afirma Lima e Santiago (2009), como principais determinantes da puberdade: as transformações biológicas/fisiológicas que culminam na maturação genital e o encontro com o outro sexo ou, em termos freudianos, o encontro com o objeto. Assim,

segundo Pougy e Crimberg (2017), compreende-se que essa observação indica o encontro com o real do sexo

e que, sob o pano de fundo da vida sexual infantil, um novo tempo na relação do sujeito com a alteridade se abre, a partir da experiência com a inexistência da relação sexual, não mais circunscrita ao casal parental, e da tomada de posição na partilha dos sexos, segundo a qual se baliza o modo de gozo de cada um (POUGY; GRIMBERG, 2017, p. 2).

Diversos autores descrevem a puberdade como um despertar (GUERRA *et al.*, 2014; STEVENS, 2013; VIOLA; VORCARO, 2015; ZANOTTI, 2016), justamente ao se amparar no que Lacan aborda no Prefácio de “O despertar da primavera” (LACAN, 1973/2003), no qual, como já mencionado aqui, afirma que há, ao final da infância, “um despertar de seus sonhos” (LACAN, 1973/2003, p. 571). A partir disso, Stevens (2013) destaca que a puberdade é um real que se encontra na saída da infância e que possui dois aspectos: um empuxo hormonal, e em consonância com Lacan (1973/2003), um despertar de seus sonhos. Assim, há uma mudança que ocorre ao nível hormonal/corporal e há mudanças que ocorrem porque os jovens passam a sonhar de uma maneira distinta, sendo esse “o despertar de seus pensamentos é também o pensamento do Outro corpo” (STEVENS, 2016, p. 17).

Mitre (2014) destaca que sempre há um antes e um depois após um encontro com o real, afirmando, ainda, que “a puberdade seja um real implica que é algo que nunca pode terminar de ser dito” (MITRE, 2014, p. 21, tradução nossa). Sendo assim, o corpo passa por mudanças que trazem um certo “sentimento de estranheza que confronta algo do intraduzível na linguagem do Outro. Trata-se, podemos dizer, do encontro com um ponto de furo na significação” (MITRE, 2014, p. 21, tradução nossa). Logo, é um momento de grande desorientação.

Em relação à puberdade, como já exposto neste capítulo, considera-se, prioritariamente, a puberdade como um despertar para o mal-estar. Além disso, ao resgatarmos o que afirma Turinetti (2009), ao abordar a metamorfose da puberdade como uma escavação de dois lados ao mesmo tempo, ou seja, “um furo tendo uma extremidade que fura a autoridade, o saber, a consistência do Outro e a outra que perturba a vivência íntima do corpo” (TURINETTO, 2009, p. 87), podemos tecer algumas considerações a partir da leitura das autobiografias. Diante da leitura das autobiografias, nota-se que há uma perturbação na vivência íntima desse corpo com o qual, segundo Higashida (2014), eles passam a vida inteira lutando. Logo, pode-se considerar que há, nesse sentido, um despertar para o mal-estar no que se refere à delicada relação do sujeito com o corpo, visto que a partir da leitura das autobiografias, pode-se considerar que a puberdade provocou novos impasses na sua já peculiar relação com ele. Seja com o aumento das excitações nervosas de Grandin que resultou na invenção da máquina do abraço (VIDIGAL,

2013), seja com Tammet e as mudanças na voz, na altura, a necessidade de passar desodorante e escovar os dentes. Inclusive, Tizio (2008) afirma que a puberdade, para Freud, significa um momento na vida em que há o surgimento de uma nova quantidade de impulsos que vêm desestabilizar a resolução que o sujeito já havia conquistado na infância, e

isso implica mudanças no corpo, na imagem, na relação com o outro, e no regime de satisfações. Ela abre a possibilidade de um outro acesso ao gozo, que leva ao encontro com o *partenaire* sexual, um encontro que não é regido pelo instinto (TIZIO, 2008, p. 126, grifos do autor, tradução nossa).

Portanto, na saída da infância, se faz necessário considerar o corpo do Outro. Assim, a puberdade é, “neste sentido, um impasse, na maioria das vezes, turbulento, que levará a uma conclusão sobre como ‘tratar’ o outro como um *partenaire* sexual” (TIZIO, 2008, p. 176, grifos do autor, tradução nossa). Sobre isso, inclusive, Mitre (2014) frisa que, “nas palavras de Lacan: a sexualidade fura o real, e ninguém sai bem desse assunto. Ou seja, há um fracasso universal: é para todos” (MITRE, 2014, p. 21, tradução nossa). A partir das autobiografias, exploramos esse ponto.

Na biografia de Owen, uma hipótese foi observada: parece que há uma evitação do Outro sexo. Owen sempre quis fazer amigos, situando que só na puberdade conseguiu, de fato, fazer amigos, o que o fez alguns anos mais tarde ao criar o clube Disney, que era o clube em que ele e os amigos se reuniam para assistir as animações, conversar e debater algumas questões. Dentre esses amigos, ele conhece Emily, que era sua amiga boazinha, que entendia e compartilhava de suas afinidades pelos filmes. Eles começam a namorar, mas é um namoro que tem como guia os filmes da Disney e os ensinamentos de seu irmão Walt. Tudo vai bem, esses guias o ajudavam, mas parece que não de modo integral, pois com o tempo de relação e as indicações do irmão para uma maior intimidade no relacionamento com Emily, Owen não conseguiu avançar nesse sentido. Nas histórias infantis, a relação se restringia a beijos, conversas, abraços, e era isso que ele conseguia manter. Era esse roteiro que ele conseguia seguir, mas não havia sexo, e esse permaneceu excluído do relacionamento.

Emily, depois, termina o relacionamento, o que deixa Owen bem triste. De certa forma, como acentua Soares (2019, p. 1284), “para Owen, as soluções do Outro não funcionaram para ele. Seu amor parecia não incluir o sexo como parte de seu relacionamento”. Portanto, sua relação com Emily parece se tratar de um vínculo possibilitado pela língua Disney, mas também impossibilitado pela mesma no que diz respeito a se configurar enquanto um amor, só que sem sexo. Diante disso, pode-se pensar que isso se estenderia a outros autistas? Haveria uma evitação, inclusive como indaga Soares (2019), do encontro com o Outro sexo? Levanta-se o questionamento visto que a singularidade do encontro com o sexo, com o sexual, é o que

caracteriza o despertar para o mal-estar. Com Owen, pode-se dizer que há implicações da puberdade, mas em termos do encontro com o sexual, este é evitado por ele.

Sobre isso, inclusive, Ron Suskind afirma que “o sexo é uma transação complexa no espectro do autismo” (SUSKIND, 2017, p. 237), fazendo com que, na maioria dos casos, eles avancem “pelos estágios do despertar sexual muito devagar, com passos calculados, mas talvez não tenham sua primeira experiência sexual antes dos trinta anos. É difícil saber onde Owen se encaixa” (SUSKIND, 2017, p. 237).

Tammet (2007) sinaliza que, durante a adolescência, começou a ter interesse por meninos, mas à época, não sabia o que se tratava e nem como tratar essa questão, inclusive fazendo com que ele achasse que era somente a vontade de ter mais proximidade com os outros jovens. Essa proximidade física – ele muitas vezes se sentava bem próximo de outra pessoa – para ele já seria suficiente para o outro entender que ele tinha sentimentos, e essa relação próxima já bastaria para dar um “tratamento”, uma evasão a esses sentimentos. Somente muitos anos depois parece que essa questão começa a ter a rubrica de como tratar esse “*partenaire* sexual”, visto que ele só vem a ter uma relação amorosa após os 30 anos de idade.

Já Temple Grandin, durante seu livro, vem relatando como na puberdade (e na maior parte de sua vida) diz que um de seus maiores desafios é aceitar seu lado emocional. Por mais que tenha conseguido criar relações, que até podem ser consideradas como amizade, nunca conseguiu entender o interesse de seus amigos em namorar, pois ela nunca teve interesse nisso. Inclusive afirma que:

Uma das principais causas do meu medo é a ansiedade de que as minhas emoções tomem conta de mim e eu não consiga cumprir o meu destino. É por isso que tenho medo do casamento. Para mim, é mais importante construir o aparelho ou descobrir o método para ajudar outras pessoas do que ser “normal” e me casar (...) Nunca vi um casamento que pudesse servir de modelo pra mim (GRANDIN; SCARIANO, 1999, p. 113).

Assim, apesar de sempre ter almejado estabelecer relações de amizade, ela nunca se interessou em estabelecer relações amorosas, a levando, inclusive, a escolher ser celibatária. Isso indica, de certa forma, que há uma tentativa de relação com o Outro, mas esta continua a ter limitações. Ao considerarmos o despertar do mal-estar como caracterizado pelo encontro com o sexual, parece que esse mal-estar não se apresenta da mesma forma para esses indivíduos, visto que é justamente o encontro com o sexual que eles não avançam e/ou evitam. Mas a puberdade traz implicações para eles, principalmente em termos do corpo e do Outro, acarretando, muitas vezes, em perturbações em suas soluções/invenções singulares.

A psicanálise aposta que, como afirma Stiglitz (2008, p. 43), o autista pode “desenvolver um recurso sintomático para humanizar seu Outro e criar para si seu próprio modo de estar com

os outros”. Levando isto em consideração, apresentam-se, a seguir, duas vinhetas clínicas que abordam dois casos de jovens autistas e que mostram o quão importante é, diante dessas “perturbações” e impasses da puberdade, o analista sustentar e intervir de modo a dar um lugar ao autista em sua invenção, de forma que o “ajudará a construir um mundo menos terrível e a estabelecer um laço social” (EGGE; MANGIAROTTI, 2009, p. 58) e sair da infância.

5.2.1 A clínica com autistas adolescentes

O primeiro caso foi apresentado por Ana Beatriz Freire na Conversação sobre o Autismo que a Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) promoveu em novembro de 2012, e que foi transcrito e publicado no livro “O autismo hoje e seus mal-entendidos: conversação clínica de Salvador” (MACHADO; DRUMMOND, 2013). Este caso foi intitulado como “Um caso de um jovem autista”, iniciando com o relato sobre a chegada de R.⁴ no tratamento, que é requerido pelos pais sob a justificativa de estarem envelhecendo e, com isso, passam a se questionar sobre a possibilidade desse filho adquirir uma maior autonomia.

Diante dessa demanda dos pais, Freire (2013) passa a se perguntar, dentro desse contexto de uma busca por autonomia: qual seria a questão suposta do próprio autista nesse tratamento? Em momento posterior, sua hipótese foi de que R.:

conduzia o tratamento por meio de pequenas invenções em direção ao deslocamento do lugar infantil em que este se colocava em relação aos que o cercavam (...) R. tentava com esse tratamento, deslocar-se, ou, ao menos, tratar, no campo do Outro, o que o fixava, congelando-o como objeto infantil (FREIRE, 2013, p. 35).

Durante várias sessões, ele escolhia uma música específica para ouvir, cuja letra versava sobre jovens que se reuniam em um bar. R. muitas vezes ficava no mutismo, e em outras falava palavras desconexas, mas em uma sessão em específico durante um jogo, ele surpreende a analista e articula a imagem visualizada a sua palavra correspondente. Diante disso, Freire (2013) destaca que R. se apresenta como mestre da linguagem, demonstrando que o fora do discurso, tem a rubrica de uma relação particular desses sujeitos com a linguagem. Ao parafrasear Lacan, Freire (2013, p. 38) diz: “seu mutismo apontava menos para um déficit do que para uma ‘decisão’ insondável do ser, uma ‘escolha’, talvez forçada, de uma posição psiquicamente defensiva”.

Em outra sessão, R. se deita no divã e começa a produzir movimentos que projetam sombras na parede, no que a analista começa a mesclar movimentos com sombras de suas

⁴ Letra que abrevia o nome utilizado para nomear o autista.

próprias mãos. Essa projeção de movimentos com as mãos de ambos oportuniza uma espécie de diálogo entre eles e, ao mesmo tempo possibilitou, nessa teatralidade de sombras, que R. percebesse suas mãos como seu corpo, propiciando uma certa construção do corpo.

Nas duas sessões abordadas acima, nota-se que a analista interveio a partir das invenções de R. e que, nelas, foi possível observar sua relação com a linguagem e com o corpo. Na sua busca por sair da infância, a analista foi o auxiliando a partir do afrouxamento do seu encapsulamento, no lugar fronteiro, a inventar um modo de ser jovem que ele colocava como identificação e referência à música dos jovens no bar. Freire (2012) encerra sua apresentação relatando que R., à época dessa apresentação, já estava com 21 anos, tinha carteira com dinheiro próprio e chave de casa, e vinha passando, a seu modo e em seu tempo, do mundo infantilizado para o de um jovem. Deixando aquele corpo desengonçado em direção “a um corpo aprumado e a vestir-se jovialmente” (FREIRE, 2013, p. 40).

O segundo caso foi extraído de livro “*El adolescente contemporáneo: Problemas clínicos*”, cujo capítulo possui o título “*Invenções que tomen cuerpo*” ou “Invenções que tomam corpo” (CHIAPPINI, 2016, tradução nossa) e foi escrito por Magdalena Inés Chiappini. Este texto é muito importante para nossa investigação, pois sua apresentação acontece a partir de dois casos, na tentativa de demonstrar o que acontece na puberdade em casos de autismo e psicose. Contudo, aqui nos serviremos do que interessa ao autismo.

Chiappini (2016) utiliza e toma empréstimo do termo “invenção” cunhado por Jacques-Alain Miller, e diz que é a partir da invenção que o autista pode se relacionar, inclusive representando a relação com o analista. Um dos casos apresentados é sobre uma mulher púbere, que possui fala neutra (assim como nos desenhos), se refere a si mesma na terceira pessoa e trata o analista como você. Reproduz, durante as sessões, vozes e os diálogos dos personagens de filmes que gosta, de modo similar a Owen, como foi discutido anteriormente. Nesse contexto, os desenhos passam a ser o principal instrumento para o tratamento. Nesses desenhos, uma figura se destaca: uma figura feminina (um duplo da imagem de si mesma), que é salva constantemente de quedas por um jovem. E essa cena se repete nos desenhos e nas sessões: queda, captura e resgate. Essa figura feminina passa a ser tomada como referência do que é ser uma adolescente no sexo feminino, fornecendo um roteiro de como agir e se vestir, por exemplo.

Sendo assim, para Chiappini (2016), essa paciente funcionaria a partir de um “duplo real”, que permite que ela obtenha algum acesso à circulação social. Logo:

Esse duplo age à maneira de uma fantasia neurótica e os “parceiros imaginários” são imagens duplas nas quais se baseia. Dessa forma, por meio de uma semelhante

imaginada, ele se arma de uma substituição imaginária e forma corpos femininos (adolescentes) (CHIAPPINI, 2016, p. 55, tradução nossa).

Assim, segundo Chiappini (2016), seus companheiros de luta permitem alguma facilidade para ela nas questões sociais. São eles que possibilitam que alguma troca com o mundo possa ser estabelecida. Em determinado momento, aparece o duplo amiga-solitária, e é esse duplo que permite a ela sair do isolamento, se tornar uma amiga, falando através de um roteiro, que lhe dá algum acesso à construção da realidade e de um corpo. Portanto, esse duplo é um dos componentes de sua formação protetora, permitindo à autista o deslocamento da sua carapaça/encapsulamento, funcionando como uma borda do seu corpo – que ela não possui, por isso chama-se de carapaça imaginária – e que é “capaz de localizar o gozo que se repete infinitamente no Um do gozo. A função do duplo é ser um suporte para compensar a ausência de borda e de imagem do corpo” (CHIAPPINI, 2016, p. 56).

Deste modo, durante a puberdade, esses sujeitos são defrontados com a necessidade de dar um “novo tratamento” a essa borda; de construir outras invenções singulares para lidar com as mudanças corporais desse corpo que já teve que ser contornado e construído por ele, e ainda com a saída da infância. Sendo assim, no caso aqui mencionado, o recurso empregado por essa jovem foi o de um duplo, que funcionou como uma defesa (“companheiros de luta”), e permitiu, segundo Chiappini (2016), um espaço de troca como estratégia para sair do seu isolamento. Essa adolescente autista consegue, através dessa invenção do duplo real, obter um roteiro para conseguir montar uma imagem onde não há corpo, “permitindo-lhe ‘se disfarçar’ de adolescente para sair de seu isolamento” (CHIAPPINI, 2016, p. 64).

À vista disso, Chiappini (2016) resume que no percurso dessa jovem adolescente, foi possível observar que em um primeiro momento ela funciona por meio de uma carapaça; em seguida, a partir de sua invenção, passa a funcionar por meio da montagem de um imaginário de suplência e, por meio desse, consegue formar o que são corpos femininos, continuando a ter a função de um duplo pelo qual ela consegue imaginarizar sua relação com os outros. Diante da falha no estádio do espelho por conta da falha simbólica, o autista libidiniza apenas alguns aspectos reduzidos da sua realidade, e é a partir desses aspectos que o analista pode intervir. A invenção é a solução singular encontrada por cada autista, como bem condensa Laurent (2014), “com efeito, a invenção é o único remédio do sujeito autista e deve incluir, a cada vez, o resto, ou seja, o que permanece no limite de sua relação com o Outro: seus objetos autistas, suas estereotípias, seus duplos” (p. 78).

A partir da análise das autobiografias e da contribuição desses casos clínicos, foi possível observar que a puberdade impõe uma reinvenção a esses autistas, e o analista pode vir

a auxiliá-lo, sendo que, nesse último caso, a analista, a partir da zona fronteira das invenções dessa autista, a acompanhou na montagem de uma imagem “adolescente” onde não havia um corpo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como sua questão principal as implicações da puberdade no autismo. Assim, essa investigação iniciou tomando como base os três elementos considerados para pensar o diagnóstico: relação com o Outro, com a linguagem e com o corpo. No que diz respeito à relação com o Outro, esta é marcada pela busca por se proteger deste, anulando-o. Ademais, em termos do que Lacan coloca sobre os processos de alienação e separação, pode-se considerar que, no autismo, acontece uma alienação retida, que não resulta na operação da separação. Por essa via, essa alienação retida e essa busca por anular o Outro resulta num contexto em que o autista está na linguagem, mas resiste fortemente à alienação do seu ser a ela. Diante disso, permanece uma lalíngua que não se apaga por não se articular ao discurso do Outro, constituindo-se de S1 sozinhos, justapostos, que estão a serviço de satisfações solitárias, e não para a comunicação. Destarte, a proteção contra a angústia está no alicerce de sua estrutura, assim como na tentativa de não denunciar sua posição de enunciador, ou seja, de sujeito.

No que diz respeito à constituição do corpo no autismo, é possível afirmar que não ocorreu uma constituição imaginária que viesse a dar suporte para sua relação com o mundo. Outrossim, no autismo não há um corpo nesse sentido, pois o recurso originário para o instituir não aconteceu e, assim, não efetuou uma composição imaginária mínima. Se não há corpo instituído, tratar-se-á de fazer um corpo. Isso é possível através das invenções que compõem uma borda autística e da possibilidade em dar contorno ao corpo, protegendo-o do Outro. Além disso, possibilita que alguma relação possa ser estabelecida – não só com o corpo, mas também com o Outro e com a linguagem. Assim, na busca por perfazer essa borda, o autista conta com três elementos: o objeto autístico, a ilhota de competência/tema de interesse específico e o duplo.

A partir do livro de Owen Suskind e das autobiografias, depreendemos que cada autista se utilizou de diversas invenções ao longo da vida associadas a esses elementos elencados acima, justamente para que alguma relação com o Outro e com seu corpo pudesse ser estabelecida. No que concerne à puberdade, observa-se que a imagem do corpo que havia sido construída na infância, a qual Lacan demonstrou a partir do estádio do espelho, vai ser afetada com as mudanças que ocorrem na puberdade, necessitando, então, de uma reconstrução. Dessa maneira, a partir de Freud (1905/1996), considera-se que acontecem mudanças corporais na puberdade, mas o mais importante é que acontece uma mudança de objeto, pois se antes o que

estava em jogo era somente o próprio corpo e, portanto, a pulsão era autoerótica, agora ela encontra seu objeto sexual: entra em cena o corpo do outro.

A partir da leitura do livro “Vida animada: uma história sobre autismo, heróis e amizade” (SUSKIND, 2017), bem como das autobiografias e dos casos clínicos, pode-se considerar que há impasses da puberdade para estes sujeitos principalmente no que se refere a esse corpo, visto que, no autismo, trata-se de fazer um corpo, ainda que artificial e frágil, já que se trata de “um sujeito sem corpo” (TENDLARZ, 2011, p. 49). Logo, para fazer esse corpo, eles contam com suas invenções singulares para fazer uma borda que tanto dê um contorno a esse corpo, quanto o proteja do Outro, mas que permita a instituição de alguma relação. Sendo assim, na puberdade, essas invenções criadas na infância parecem não dar conta desse real que se impõe. Assim, os autistas passam a ter que reinventar esse corpo e um novo modo de relação com ele e com o Outro. Observa-se, ainda, que nesse momento da puberdade os autistas parecem sinalizar que há para eles uma potencialização de um gozo sem barragem, e é diante dele que eles são impelidos a construir uma solução singular para lidar com isso.

Não obstante, deparam-se com um real que extrapola a mudança corporal. Há um impasse no que se refere à relação do sujeito com o corpo próprio. No entanto, diante dele, os autistas respondem a partir das particularidades da sua relação com o Outro (busca por anulá-lo), com a linguagem (não demonstrar sua posição de enunciador e resistir a se alienar a ela) e com o corpo (há de se fazer um corpo). Nesse sentido, Naoki Higashida traz considerações importantes que reafirmam a difícil relação com esse corpo e o desafio de fazê-lo, unificá-lo e controlá-lo. Por outro lado, Owen Suskind, Temple Grandin e Daniel Tammet apontam que há uma potencialização de um gozo sem barragem no que diz respeito à relação com o corpo próprio, mas ao mesmo tempo parece não haver interesse nesse Outro sexo. Por conseguinte, pode-se pensar que a busca por anular o Outro repercute, também, nesse sentido e parece apontar, como já assinalava Lacan (1998a), para a não inclusão do Outro.

Assim, a partir da biografia de Owen e das autobiografias, pode-se considerar que há uma falta de interesse nesse Outro sexo. Não obstante, essa indagação parece apontar que não há um despertar para o Outro sexo, o que pode vir a configurar um novo campo investigativo dentro da seara do autismo. Diante disso, essa se configura como uma indicação importante, mas não como uma resposta definitiva, apontando mais em direção a um possível campo de investigação. Dito isto, este trabalho buscou introduzir os horizontes investigativos sobre a puberdade no autismo, principalmente, diante da escassez de pesquisas a esse respeito. Por fim, visou apresentar alguns apontamentos que puderam ser elaborados a partir do que os próprios

autistas dizem de si e de sua experiência, visto que a singularidade, e mais ainda o autismo, impõem a pluralidade dos modos de vida e de soluções encontradas.

REFERÊNCIAS

- AFLALO, A. **Autismo: novos espectros, novos mercados**. Petrópolis: BRK, 2014.
- ALVAREZ, P. Hablar ¿con cual cuerpo? **Associação Mundial de Psicanálise**, 2003. Disponível em: http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Textos/Hablar-concual-cuerpo_Patricio-Alvarez.html. Acesso em: 20 mai. 2018.
- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANSERMET, F. **Clínica da origem: a criança entre a medicina e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.
- ANSERMET, F.; GIACOBINO, A. **Autismo: a cada um o seu genoma**. Tradução de Marcelo Veras. Petrópolis: KBR, 2013.
- BASTOS, A.; MONTEIRO, K. A. C.; RIBEIRO, M. M. C. O manejo clínico com adolescentes autistas e psicóticos em instituição. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 10, n. 19, 2005.
- BASTOS, R. L. **Psicanálise e pesquisas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.
- BIALER, M. A inclusão escolas nas autobiografias de autistas. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 485-492, 2015.
- BIALER, M. A lógica do autismo: uma análise através da autobiografia de um autista. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 4, 2014a.
- BIALER, M. Literatura de autistas. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 19, n. 3, 2014b.
- BROUSSE, M. H. Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do Espelho. **Opção laciana online**, n. 15, 2014.
- CALZAVARA, M. G. P.; VORCARO, A. M. R. Efeitos da incidência da linguagem no corpo do sujeito autista. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 50.1, p. 31-50, 2018.
- CAPELLA, M. **Eu, Professora, Pesquisadora e Autista: retalhos de uma vida**. Amazon, e-book Kindle, 2020.
- CHIAPPINI, M. I. Invenções que tomen cuerpo. *In*: FREDA, D. A. *et al.* **El Adolescente contemporáneo: Problemas clínicos**. Olivos: Grama Ediciones, 2016.
- COPPUS, A. N. S. Do corpo imaginário ao corpo marcado pelo objeto a no ensino de Lacan: uma torção. **Reverso**, Belo Horizonte, n. 56, p. 71-76, 2008.
- COUTO, M. P. O real da puberdade e a saída da infância. **Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais - Almanaque On-line**, n. 17, 2018. Disponível em:

<http://almanaquepsicanalise.com.br/o-real-da-puberdade-e-a-saida-da-infancia/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

DIAS, V. S. **O corpo em questão na psicose**. 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

ECOLALIA. *In: DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ecolalias/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

EGGE, M.; MANGIAROTTI, C. Autismo. *In: ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. Scilicet: semblantes e sinthoma*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2009.

FAUSTINO, D. D.; FALEK, J. A originalidade e a origem do estádio do espelho em Lacan. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 19, n. 3, 2014.

FERREIRA, T.; VORCARO, A. **O tratamento psicanalítico de crianças autistas: Diálogo com múltiplas experiências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREIRE, A. B. Um caso de um jovem autista. *In: MACHADO, O. M. R.; DRUMMOND, C. (Orgs.). O autismo hoje e seus mal-entendidos*. Belo Horizonte: Scriptum, 2013, p. 35-46.

FREITAS, R. G. A. F. Autismo: uma estrutura a mais? **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, 2018.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 17-72.

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 341-410.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 83-119.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 119-195.

GALLO, H. Método, sorpresa, subjetividad, verdad y saber. *In: RAMÍREZ, M. E.; GALLO, H. El psicoanálisis y la investigación en la universidad*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012.

GÁRCIA-ROZA, L. A. Pesquisa do tipo teórico. Psicanálise e Universidade. **Revista do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise da Pós-graduação da PUC/SP**, n. 1, p. 9-32, 1994.

GRANDIN, T.; SCARIANO, M. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GUERRA, A. M. A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. **Ágora**, n. 1, p. 85-101, 2001.

GUERRA, A. M. C. *et al.* Risco e Sinthome: A Psicanálise no Sistema Socioeducativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 171-177, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n2/06.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2018.

GUERRA, A. M. Psicanálise e produção científica. *In*: MOREIRA, J.; NETO, F. K. (Orgs.). **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade**. Barbacena: EdUEMG, 2010, p. 130-145.

HIGASHIDA, N. **O que me faz pular**. E-book Kindle: Intrínseca, 2014.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. *In*: ROCHA, P. S. (Org.) **Autismos**. São Paulo: Editora Escuta, 2012, p. 111-170.

KEDAR, I. **I do Autismland: climbing out of autism's silente prison**. Lexington KY: Sharon Kedar Publishing, 2013.

LACADEÉ, P. **O despertar e o exílio**. Ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

LACADÉE, P. O púbere em que circula o sangue do exílio e de um pai. **Revista Estudos Psicanalíticos**, n. 2, Belo Horizonte, p. 229-238, 2008.

LACAN, J. Conferência em Genebra sobre o sintoma. **Opção Lacaniana**, p. 6-16, 1998a.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. Posição do inconsciente (1960-1964). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. *In*: LACAN, J. **Scilicet 6/7**. Paris: Seuil, 1976.

LACAN, J. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. 2ª edição revista. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **O seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, J. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada (1945). *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). *In: LACAN, J. Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. Prefácio a O desertar da primavera (1973). *In: LACAN, J. Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAURENT, E. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Tradução de Claudia Berlinder. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LEFORT, R.; LEFORT, R. **A distinção do autismo**. Tradução de Ana Lydia Santiago e Cristina Vidigal. Belo Horizonte: Relicário edições, 2017.

LEFORT, R.; LEFORT, R. **Nascimento do outro**. Tradução de Angela Jesuino. Salvador: Editora fator livraria, 1984.

LIMA, N. L.; SANTIAGO, A. L. B. A escrita íntima na puberdade: a tessitura de um véu no encontro com o feminino. **aSEPHallus**, v. 4, n. 8, p. 69-87, Rio de Janeiro, 2009.

LUCERO, A.; VORCARO, A. M. R; SANTOS, J. L. G. Novas pesquisas sobre o autismo. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 549-555, 2015.

MACHADO, O. M. R.; DRUMMOND, C. **O autismo hoje e seus mal-entendidos**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

MAIA, A. M. W.; BRANDÃO, V. C. A. O corpo e a paixão pelos objetos no autismo. **Latusa**, Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise Seção Rio, n. 20, 2015.

MALEVAL, J. C. Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas. *In: ROSA, M. et al. (Org.). Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 45 – 69.

MALEVAL, J. C. **O autista e a sua voz**. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2017.

MALEVAL, J. C. Porque a hipótese de uma estrutura autística? **Opção Lacaniana Online**, ano VI, n. 18, 2015.

MALEVAL, J. C. Sobre a alienação retida no autista. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 72, n. 1, 2020.

MEIRA, A. M. B. **Um modo de cifrar: autistas e a escrita de si**. 2020. 121f. Tese (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

MILLER, J-A. Jacques Lacan e a voz. **Opção Lacaniana Online**, ano IV, n. 11, 2013.

MITRE, J. **La adolescencia:** esas edad decisiva. Olivos: Grama Ediciones, 2014.

NICOLAU, R. S; AZEVEDO, M. M. P. Autista, qual teu corpo? Enlaçamentos possíveis entre corpo e linguagem. *In:* CHATELARD, D. S.; MAESSO, M. C. (Orgs.). **O corpo no discurso analítico.** E-book Kindle: Editora Appris, 2019.

PADILHA, R.; LHULLIER, L. Autismo: uma leitura para além dos limites do simbólico. *In:* MURTA, A.; CALMON, A.; ROSA, M. (Org.). **Autismo(s) e atualidade:** uma leitura lacaniana. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 117-134.

PAVONE, S.; RAFAELI, Y. M. Diagnóstico diferencial entre psicose e autismo: impasses do transativismo e da constituição do outro. **Estilos da clínica**, v. 16, n. 1, p. 32-51, 2011.

PIMENTA, P. **Autismo:** déficit cognitivo ou posição do sujeito? 2003. 149f. Tese (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

PIMENTA, P. Especificidades diagnósticas do transtorno do espectro autista (TEA). *In:* ALVARENGA, E.; LAIA, S. (Orgs.). **O que é o autismo, hoje?** Belo Horizonte: Editora EBP, 2018, p. 111-130.

PIMENTA, P. R. O autismo expõe o que há de real no corpo. **Revista Curinga**, Minas Gerais, v. 36, p. 107-117, 2013.

PIMENTA, P. **O objeto autístico e sua função no tratamento psicanalítico do autismo.** 2012. 217f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PIMENTA, P. Usos do corpo nos autistas: o que a clínica nos ensina. **Opção Lacaniana**, n. 14, 2014.

PORTELESE, J. *et al.* Mapeamento dos serviços que prestam atendimento a pessoas com transtorno do espectro autista no Brasil. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 79-91, 2017.

POUGY, F. G.; GRIMBERG, A. B. Despertar para a alteridade do corpo nas mutações da adolescência. **Rev. Subj.**, v. 17, n. 3, p. 1-11, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000300001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2022.

POZZATO, V. G; VORCARO, A. M. Aproximações e distinções entre os autismos e as psicoses em crianças: condições da alienação à linguagem. **Analytica**, v. 3, n. 5, p. 137-156, 2014.

PERRIN, M. **Affinity therapy:** Nouvelles recherches sur l'autisme. Rennes, FR: Presses Universitaires de Rennes, 2015.

ROCHA, C. C.; SOUZA, S. M. V.; COSTA, A. F.; PORTES, J. R. M. O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro

Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 04, 2019.

ROY, D. **Metamorfose**. Tradução de Bruna Simões Albuquerque e Lisley Braun Toniolo, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/31714740-Metamorfose-daniel-roy-uma-metamorfose-singular.html>. Acesso em: 5 mai. 2021.

SANTOS, T. M. *et al.* Autismo e seus (des)enlaces em narrativas da série “Atypical”. *In*: COSTA, E. F.; SAMPAIO, E. C. (Orgs.). **Desenvolvimento da criança e do adolescente: evidências científicas e considerações teóricas-práticas**. Guarujá: Científica Digital, 2020. p. 286-307.

SARTRE, J. P. **O que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

SELLIN, B. **I don't want to be inside me anymore: messages from an autistic mind**. New York: Basic books, 1995.

SILVA, B. S. **Autismo: a questão estrutural e suas implicações na clínica**. 2018. 82f. Tese (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2018.

SILVA, B. S.; CALZAVARA, M. G. Constituição subjetiva do autismo e da psicose: aproximações e distanciamentos. **Analytica**, v. 5, n. 9, p.86-99, 2016.

SILVA, E. P. A constituição do corpo do autista: do desamparo à invenção. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 3, p. 1301-1315, 2019.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.

SOARES, C. M. A chegada da adolescência para o autista: uma leitura psicanalítica. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 3, p. 1274-1286, 2019.

SOLER, C. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SOUZA, L. C. *et al.* A transferência na clínica do autismo. *In*: MURTA, A.; CALMON, A.; ROSA, M. (Orgs.). **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012. p. 99-116.

STEFAN, D. R. Autismo e psicose. *In*: LAZNIK-PENOT, M. C. (Org.). **O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas**. Salvador: Ágalma, 1991. p. 15-28.

STEVENS, A. Fazer-se um corpo na adolescência. **Cien digital**, v. 20, 2016.

STEVENS, A. Quando a adolescência se prolonga. **Opção Lacaniana online**, ano 04, n. 11, 2013.

STIGLITZ, G. Autismo. *In*: **Scilicet: semblantes e sintoma** (Associação Mundial de Psicanálise). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2008. p. 41-43.

SUSKIND, O. **Vida animada**: uma história sobre autismo, heróis e amizade. Tradução Ana Ban. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

TAMMET, D. **Nascido em um dia azul**: por dentro da mente de um autista extraordinário. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

TELLES, H. P. R. S. A saída da infância: de que impasse se trata? **Escola Brasileira de Psicanálise – Seção São Paulo**, 28 jul. 2016. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/sp/a-saida-da-infancia-de-que-impasse-se-trata/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

TENDLARZ, S. E. Autismo. *In*: **Scilicet**: A ordem simbólica no século XXI (Associação Mundial de Psicanálise). Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2011. p. 48-50.

TENDLARZ, S. E. Lacan e o autismo em nossa época. **Opção Lacaniana**, ano 8, n. 23, 2017.

TIZIO, H. El enigma de la adolescencia. *In*: RECALDE, M. **Púberes y adolescentes**: lecturas lacanianas. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2008.

TURINETTO, V. C. A clínica dos adolescentes: entradas e saídas do túnel. **Almanaque**, n. 23, 2009.

VIDIGAL, C. Bordas sob transferência. *In*: MACHADO, O. M. R.; DRUMMOND, C. (Orgs.). **O autismo hoje e seus mal-entendidos**. Belo Horizonte: Scriptum, 2013. p. 47-70.

VIOLA, D. T. D; VORCARO, A. M. R. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. **Psicologia USP**, v. 26, n. 1, 2015.

WEDEKIND, F. **The awakening of spring**: a tragedy of childhood. Tradução de Francis J. Ziegler. 3ª edição. Michael Roe and the Online Distributed, 2011. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/35242/35242.txt>. Acesso em: 10 dez. 2021.

WILLIAMS, D. **Meu mundo misterioso**: testemunho excepcional de uma jovem autista. Tradução de Terezinha Braga Santos. Brasília: Theasaurus, 2012.

ZANOTTI, S. V. A pesquisa-intervenção em um ambulatório de adolescentes – de que mal-estar se trata? *In*: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e na juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008. p. 147-170.

ZANOTTI, S. V. O adolescente e seus enlaces: considerações sobre o tempo. **Opção Lacaniana**, ano 7, n. 20, 2016.